

Coletâneas
Solano Trindade

ETERNIZAR EM ESCRITA PRETA

DIÁRIO NEGRO
APOLLO FARIA

CANTATA DESCONTÍNUA
DAS ÁGUAS PLUVIAIS
DAIANY PONTES

TÁ FALTANDO IEMANJÁ!
LU VARELLO

*Prêmio Solano
Trindade 2022*

LUCÍAS





Quem costuma sobreviver aos processos de necropolítica é historicamente impelido a inventar futuros, criar novas narrativas, novos métodos e estratégias para ser e estar nos palcos e telas. Mas como florescer dramaturgia quando se atravessa a sombra do escatológico poder na companhia do apocalipse pandêmico? Como um oásis, os editais do Prêmio Solano Trindade, promovido pela SP Escola de Teatro, gerida pela Associação dos Artistas Amigos da Praça (ADAAP), garantiu uma gênese possível face à desesperança. Em tempos de retorno do fascismo recalcado ou do luto e melancolia face ao golpe desferido contra a cultura, foi preciso o exercício da imaginação como potência política para reinventarmos o futuro sem nos esquivar do que nos esperava depois do fim do mundo. Renascemos!

VIVIANE PISTACHE

Roteirista e doutora em Educação pela USP
Jurada do Prêmio Solano Trindade 2022

A black and white portrait of a woman wearing a dark hijab. She is looking slightly to the left with a thoughtful expression, her hand resting near her mouth. She is wearing a ring on her finger and several thin bracelets on her wrist. The background is blurred, showing an outdoor setting with some foliage.

ETERNIZAR EM ESCRITA PRETA



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo

Governador

Tarcísio de Freitas

Vice-governador

Felício Ramuth

Secretária de Estado

Marília Marton

Secretário Executivo

Marcelo Henrique de Assis

Chefe de gabinete

Daniel Scheiblich Rodrigues

Coordenadora da Unidade de Monitoramento dos Contratos de Gestão

Gisela Colaço Geraldi

Coordenador da Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura

Dennis Alexandre Rodrigues de Oliveira

Coordenadora da Unidade de Formação Cultural

Bruna Attina

Coordenadora da Unidade de Fomento e Economia Criativa

Liana Crocco

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

Vanessa Costa Ribeiro

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico

Mariana de Souza Rolim

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS AMIGOS DA PRAÇA (ADAAP)

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Presidente

Isildinha Baptista Nogueira

Vice-presidente

Leandro Knoptholz

Conselheiros

Danilo Santos de Miranda

Elen Londero

Eunice Prudente

Helena Ignez

Hubert Alquéres

Maria Bonomi

Patrícia Pillar

CONSELHO FISCAL

Presidente

Wagner Brunini

Conselheiros

Maurício Antonio Ribeiro Lopes

Rachel Rocha

Conselheiro Benemérito

Lauro César Muniz

Direção Executiva

Ivam Cabral

Núcleo Fundador

Alberto Guzik (in memoriam)

Cléo de Páris

Guilherme Bonfanti

Hugo Possolo

Ivam Cabral

José Carlos Serroni

Marici Salomão

Raul Barreto

Raul Teixeira

Rodolfo García Vázquez

SELO LUCIAS

Coordenação editorial – Selo Lucias

Beth Lopes

Elen Londero

Ivam Cabral

Marcio Aquiles

Coordenação - Prêmio Solano Trindade

Miguel Arcanjo Prado

Organização e edição

Ivam Cabral

Marcio Aquiles

Miguel Arcanjo Prado

Jurados

Denilson Tourinho

Viviane Pistache

Miguel Arcanjo Prado

Autores

Apollo Faria

Daiany Pontes

Lu Vareello

Capa

Henrique Mello

Diagramação

Henrique Mello

Revisão

Débora Moysés

Guilherme Dearo

Produção executiva

Rodrigo Barros

Produção

David Godoi

Miguel Arcanjo Prado

Rodrigo Barros

Solange Correia

Fotos de capa e ilustrações

ShotPot, Muhammadtaha Ibrahim Ma'aji

e Aviz, disponíveis em: www.pexels.com

Fotos dos autores

Divulgação

Impressão

MaisType - Gráfica Promocional e Editorial

Este livro foi elaborado a partir do concurso cultural “Prêmio Solano Trindade 2022” realizado pela Associação dos Artistas Amigos da Praça (Adaap) gestora do projeto cultural SP Escola de Teatro, junto à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo. O prêmio foi instituído ao atendimento do Decreto nº 48.328./2003, com o objetivo de fomentar a produção de novas iniciativas de projetos de pesquisas com a temática ou produção de artistas afrodescendentes.

Direitos reservados à ADAAP – Associação dos Artistas Amigos da Praça | Selo Lucias

Av. Rangel Pestana, 2.401 – Brás, 03001-000 – São Paulo/SP

55 11 3775-8600

info@spescoladeteatro.org.br

www.adaap.org.br

www.spescoladeteatro.org.br

A849e Associação dos Artistas Amigos da Praça

Eternizar em escrita Preta / Apollo Faria; Daiany Nayara; Luciana Varello.
– 1. ed. – São Paulo : Associação dos Artistas Amigos da Praça : Lucias, 2023.

155 p. (Prêmio Solano Trindade)

ISBN: 978-65-84800-38-0

1. Artes Cênicas 2. Dramaturgia 3. Dramaturgia negra

CDU: 792.82





Coletâneas
Solano Trindade

ETERNIZAR EM ESCRITA PRETA

DIÁRIO NEGRO
APOLLO FARIA

CANTATA DESCONTÍNUA
DAS ÁGUAS PLUVIAIS
DAIANY PONTES

TÁ FALTANDO IEMANJÁ!
LU VARELLO

Prêmio Solano
Trindade 2022

LUCÍAS





APRESENTAÇÃO

- 12.** VOZES PRETAS QUE BRILHAM NAS ARTES CÊNICAS
por **MARILIA MARTON**
SECRETÁRIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA
CRIATIVAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

PREFÁCIO

- 18.** DRAMATURGIAS POLIFÔNICAS
por **IVAM CABRAL**

TEXTOS

- 24.** DIÁRIO NEGRO
APOLLO FARIA
- 74.** CANTATA DESCONTÍNUA
DAS ÁGUAS PLUVIAIS
DAIANY PONTES
- 108.** TÁ FALTANDO IEMANJÁ!
LU VARELLO

POSFÁCIO

- 152.** NOVAS VOZES EM UM CENÁRIO DE CONSTANTE DISPUTAS
por **MIGUEL ARCANJO PRADO**



**VOZES PRETAS
QUE BRILHAM
NÁS ARTES
CÊNICAS**





por

MARILIA MARTON

SECRETÁRIA DA CULTURA, ECONOMIA
E INDÚSTRIA CRIATIVAS DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Nos palcos do teatro brasileiro escrito por mãos negras, múltiplas narrativas constroem potencialidades artísticas, humanas e cidadãs. Neste cenário, o jovem é convidado a construir um novo futuro, inspirado pela riqueza de sua ancestralidade. Nomes como Abdias do Nascimento, Allan da Rosa, Ana Maria Gonçalves e Cidinha da Silva não apenas encantam e emocionam com suas histórias, mas também dão voz àquelas que foram por muito tempo ignoradas.

Iniciativas como o Prêmio Solano Trindade, criado pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, abrem portas, criam oportunidades e auxiliam no resgate da valorização do teatro negro. O Prêmio é uma homenagem ao ator, diretor, cineasta, es-

critor e militante pernambucano Francisco Solano Trindade, cuja obra fez marcantes denúncias contra o racismo e o preconceito no Brasil.

Cada vez que um jovem dramaturgo negro sobe ao palco, não apenas celebramos o presente, mas também escrevemos um capítulo valioso da nossa história cultural para as futuras gerações. Eles nos lembram que a arte é uma janela para a alma de uma nação, um elo que une passado, presente e futuro.

Quando falamos sobre formação e crescimento, a SP Escola de Teatro - Centro de Formação das Artes do Palco abre portas e encoraja o desenvolvimento de novos talentos. Nesse lugar, jovens artistas têm a chance de aprimorar habilidades e contar suas histórias com autenticidade. Trata-se de um espaço de pluralidade, onde as diferentes perspectivas se cruzam e criam um mosaico de expressões culturais que enriquecem a cultura no Estado de São Paulo.

Os textos premiados nesta terceira edição do Prêmio Solano Trindade, são agora publicados em livro, e distribuídos gratuitamente em programas ou ações da SP Escola de Teatro e da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo.

Assim, convidamos a todos a aplaudir de pé, a se emocionar, a se inspirar nas histórias que são contadas pe-

los dramaturgos e dramaturgas pretos e pretas de São Paulo. Juntos, continuaremos a tecer a poesia de nossa cultura, celebrando a diversidade que nos torna únicos, construindo um futuro onde a escrita preta brilhe ainda mais intensamente nos palcos e corações de todos os brasileiros.

DRAMATURGIAS POLIFÔNICAS





POR
IVAM CABRAL

DIRETOR EXECUTIVO DA SP ESCOLA DE TEATRO

Este é o terceiro livro de dramaturgia publicado graças ao Prêmio Solano Trindade. Mais do que simplesmente editar e popularizar histórias urgentes e necessárias, temos a intenção de sempre tornar o campo criativo mais acessível, ampliando os espaços e lugares de fala que foram historicamente silenciados pelas elites brancas. As três peças dessa coletânea não estão aqui só porque foram escritas por pessoas pretas, mas porque têm qualidade literária e potencial cênico, afinal foram textos selecionados e escolhidos a dedo por especialistas do ramo.

Cantata descontínua das águas pluviais, de Daiany Pontes, tem uma narrativa poética que consegue agregar em sua estrutura temas como a relação afetiva entre mãe e filho, as condições de moradia nas margens metropolitanas e a exploração pela mais-valia. Maria Aída acorda todos os dias para uma extenuante rotina de dez horas de trabalho como costureira no Brás. Enquanto isso, seu filho Akin passa o dia em casa, olhando para as nuvens e suas formas que transitam de um cachorro até o sonhado pudim de chocolate. Quando o tempo vira e a chuva chega com força, porém, os remendos no teto e os baldes no chão não dão mais conta de conter as perdas (econômicas e simbólicas) que escorrem pela enxurrada.

A peça de Lu Varello, *Tá Faltando Iemanjá!*, também é hábil ao combinar diversas pautas fundamentais da contemporaneidade, como o racismo, a desaffricanização da cultura e a intolerância religiosa. Enquanto o empresário Gilberto, após um sonho com a rainha do mar, recebe o presságio de que iria à falência caso insistisse na fabricação do orixá com a cor branca, devendo ser ela retratada como “preta e que tivesse black power”, o concorrente Fernando, ao contrário dos outros fabricantes do setor, insiste em produzir a imagem alva. A dramaturga dá um nó nessas questões ao apresentar Gilberto (o que segue o vaticínio) como ateu, somente interessado no dinheiro, ao passo que Fernando foi criado no terreiro, mas converte-se católico fervoroso e manifesta-se radicalmente contra a representação de Iemanjá preta, mesmo sabendo que está perdendo dinheiro com tal atitude relutante.

O texto *Diário negro*, de Apollo Faria, por sua vez, tem o mistério como eixo de sua dramaturgia. O personagem, nomeado apenas como Ele, um homem preto, acima de 30 anos, formado em contabilidade, que atua como drag queen, sofre um desmaio durante uma apresentação na boate decadente em que trabalha, após ingerir uma mistura de uísque, cocaína e remédios para dormir. Acorda amarrado, sem saber o que está acontecendo, num galpão repleto de sacos de lixo. Uma voz inquisidora o submete à tortura psicológica, forçando-o a relatar, sem mentir, episódios significativos de sua vida descritos em um diário.

São textos de enorme vigor teatral que certamente despertarão o interesse de encenadores em busca de novas proposições cênicas. Além disso, caracterizam-se como leitura valiosa aos que a ela se dedicarem. Viva Solano Trindade e um salve à essa nova dramaturgia preta que chegou com tudo para renovar e fortalecer o teatro brasileiro.



A black and white photograph of a person wearing a hat, with their hand near their face, set against a background of trees.

DIÁRIO NEGRO



por
APOLLO FARIA



PERSONAGENS

ELE

Um homem negro acima de 30 anos.

Formado em contabilidade, porém sem sucesso na área. Atualmente trabalha unicamente como drag queen numa boate decadente aos finais de semana.

Mora numa quitinete numa cidade grande qualquer.

Em seu apartamento há somente o básico. Dorme num colchão, acompanhado de seus livros e discos antigos.

VOZ

Uma voz masculina em OFF.

CENA I

Enquanto o público entra pela plateia, vê-se no canto do palco uma imagem ambígua, mais para feminina do que masculina, de um artista em frente a uma mesa de camarim, terminando seus últimos detalhes antes de entrar em cena.

Assim que todos entram, apaga-se a luz da plateia.

O artista termina de se maquiar e se vestir para seu número de drag queen futurista-decadente (uma versão negra parecida com a personagem android de Daryl Hannah em "Blade Runner"), numa boate também decadente.

Toma um gole de whisky, escreve algumas palavras num pequeno caderno e depois fecha-o, depositando-o sobre a mesa.

Levanta-se da cadeira e direciona-se ao palco.

Para, pensa, olha para as próprias mãos e vê que elas estão cheias de sangue. Volta à mesa, limpa as mãos com um pedaço de tecido, faz uma carreira de cocaína e cheira. Faz novo copo de whisky, abre um frasco de comprimidos e os despeja na mão, como se restassem poucos.

Toma todos os comprimidos com whisky num só gole.

Dispara em direção ao palco.

O artista começa um número de dublagem, quando, após alguns segundos de uma performance hipnotizante, para, como quem tivesse esquecido o que estava fazendo... desmaia.

BLACKOUT

CENA II

(Cenário: um galpão qualquer, repleto de sacos de lixo cheios e uma lâmpada acesa pendurada.)

Acende-se a luz do palco e o personagem encontra-se deitado no centro da cena, à meia-luz, nu, rodeado por sacos de lixo ou sacos pretos, que tomam todo o palco.

O personagem acorda e vai levantando-se aos poucos, tentando identificar onde se encontra.

Olha bem para tudo em volta e, quando pensa em dar um passo, um foco de luz cegamente acende de uma vez sobre ele. Ele rapidamente cobre as partes íntimas com as mãos.

VOZ EM OFF: Aonde você pensa que vai???

ELE: Como?

VOZ EM OFF: Está fugindo?

ELE: *(ainda confuso)* Onde eu estou?

VOZ: *(ironicamente)* Você não sabe...

ELE: Eu estava me apresentan...

VOZ: ...Ou prefere fingir que não sabe?

ELE: Eu fui sequestrado, é isso?

VOZ: Não. Você sabe que ninguém pagaria um resgate por você.

(ELE olha para os lados, como quem procura uma saída. Olha em seguida para a direção de onde vem a luz, como se quisesse ver alguém se escondendo por trás dela. De repente, começa a caminhar, como quem está tentando conhecer o lugar.

Pisa devagar e receosamente entre os sacos espalhados.) (Vai até o fundo do palco.)

(Quando chega no fundo do palco, estanca, quando um novo foco acende sobre ELE.) (ELE se dirige à outra direção e outro foco acende.)

(E assim acontece repetidamente até ELE se virar para o foco principal e dizer:)

ELE: Alguém pode me explicar o que é isso? Onde estão as

minhas roupas?

(silêncio)

ELE: Eu tenho um show para terminar... quer dizer... nem sei se ainda tenho...

(silêncio)

ELE: Ei!!! Ei!!! Moço!!! *(silêncio)* Ow, voz!!! *(silêncio)*

VOZ: Sim?

ELE: Você poderia devolver minhas roupas? *(silêncio)* Olha, moço. Não sei quem é você e nem por qual motivo eu tô aqui. Não sei por que você tá fazendo isso... mas, se for um sequestro, desses relâmpago, se quer algo para me livrar, eu estou sem carteira, sem dinheiro, sem nada, minhas coisas ficaram no camarim... meus parentes moram fora de...

VOZ: Não precisa me explicar! E eu sei muito bem de tudo isso.

ELE: Certo... mas... o que vocês pretendem fazer?

VOZ: Não existe "nós". Existe "eu".

ELE: Certo... desculpe... mas... o que você pretende fazer se eu não posso te ajudar? Não tenho mesmo dinheiro

nenhum que valha a pena... Eu sou artista, a gente não ganha nada nessa vida...

VOZ: Entenda. Isso não se trata de um sequestro.

ELE: Não? Então... do que se trata? *(silêncio)* Eu faço o que então? Quem é você?

(silêncio)

Por qual razão tiraram minhas roupas? Você pode também, então, me explicar o que estou fazendo aqui nesse galpão sujo?

(silêncio)

ELE: A única coisa que me lembro é que eu estava no palco, como todo final de semana, e depois... não sei... eu de repente estou aqui.

(silêncio)

ELE: Hey, moço... *(silêncio)*

Ai, meu Deus!!! Moço! *(silêncio)*

Hey, voz! *(silêncio)*

(sem paciência) Hey, voz dos infernos!!!

VOZ: Ah, agora parece mais você...

ELE: *(começando a se irritar)* Olha, eu...

BLACKOUT

EFEITOS DE RAIOS LUMINOSOS NO PALCO, COMO RAIOS DE ELETRICIDADE LUZ

(Quando acende a luz, ELE se encontra no mesmo local, assustado, olhando em volta.)

ELE: Eu tô indo embora daqui, tá? Porque isso já virou uma palhaçada!

VOZ: *(rindo)* Você vai aonde com isso balançando entre as pernas?

(Pega um dos sacos de lixo que encontra vazio pelo chão, abre até que cubra o suficiente suas partes íntimas. Faz uma "saia" e sai andando em direção a um canto do palco. Anda entre os sacos de lixo, como quem procura uma saída, mas logo se dá conta de que não pode sair daquele jeito.)

(Para e pensa por alguns segundos. Se dirige até a luz.)

ELE: Vamos fazer um acordo? É isso, claro. Você deve estar querendo algo de mim. O que você quer que eu faça? *(silêncio)* Você é algum fã, né? É... é isso. Você deve ser aquele rapaz que me assistia sempre e que começou a me mandar bilhetes, flores, que descobriu onde eu moro...

Fernando, não é isso? *(se empolga)* Isso! É isso!

(Pensa por alguns instantes, vai até a boca de cena, tenta enxergar alguém na linha da altura da luz.)

(Interpreta de forma exagerada.)

ELE: Olha, Fernando, posso te chamar de Fê, né? Já somos íntimos. *(ri tentando ser galanteador)* Podemos negociar... Eu não sei se te ofendi não respondendo seus bilhetes ou daquela vez quando você foi ao camarim e não te atendi... bom... bobagem... você também foi BEM insistente, né? Tem que entender, rapaz, que não posso atender qualquer pessoa... Não que você seja qualquer um, longe disso, é que... bem...

VOZ: *(batendo palmas)* Que cena patética! Revelando o quanto a vaidade te move...

ELE: Fê, vamos conversar direito... *(tira o saco de lixo, colocando somente a mão na frente do sexo)* Posso te receber muito bem dessa vez, se você me devolver minha roupa, se abrir esse galpão, a gente pode... *(VOZ o interrompe)*

VOZ: Aqui não tem Fernando nenhum! Eu não sou nenhum fã patético do seu trabalho péssimo de dublagens! Quase ninguém vai àquele seu show! Você não consegue notar mesmo, né?

ELE: Como não é? Você sabe até que meus shows estão vazios. Você frequenta, sim, a boate. Eu te conheço! Se você não

é o Fernando, deve ser um outro... *(VOZ o interrompe)*

VOZ: *(de forma agressiva)* Chega de cena, viado!

ELE: *(começa a caminhar lentamente de costas para o fundo da cena)* Tenho acompanhado as notícias do crescimento de grupos conservadores pelo país, neonazistas. Que esses grupos partem para a violência sem limites contra grupos inimigos, principalmente contra a comunidade LGBT e negros. Espancam, prendem, torturam, matam... *(encosta na parede ao fundo do palco)*
(olha para os lados, assustado)

BLACKOUT

EFEITOS DE RAIOS – SONS DE RELÓGIO PARA PASSAGEM DE TEMPO

CENA III

(Aos poucos, a luz vai se acendendo e ELE permanece no mesmo lugar, só que deitado, como se estivesse dormindo.)

(Acorda depois de a luz subir em fade-in. Percebe estar tudo em silêncio. Levanta, olhando se não tem ninguém por perto. Olha mais uma vez para as laterais e corre para uma das laterais ao fundo, como se ali tivesse uma saída.)

(Cai.)

(Nota que está preso a algo que o impede de andar.)

(Ao se levantar, nota que está com uma corda amarrada ao tornozelo e envolvida num cadeado para que não seja solta.)

ELE: Mas... isso aqui é o quê? *(puxa a corda diversas vezes, tentando tirá-la do corpo, sem sucesso)* Ow! Hey... *(chamando a VOZ)*

VOZ: *(gargalha aos poucos)*

ELE: *(se irritando)* Vocês, ou você, não sei... me prenderam com uma corda? Qual o sentido disso??? Pode me explicar??? *(VOZ ri mais)* Eu acordo preso nesse chiqueiro... agora com uma corda... Jogos Mortais, é isso? A escravidão já acabou faz tempo!

VOZ: *(rindo)* Objetivo alcançado. Toda a doçura da garota sai voando pela janela.

ELE: Garoto.

VOZ: Como?

ELE: Sou um garoto. Não uma garota.

VOZ: Desculpe, é que não consigo te ver direito. Essa maquiagem... Você assim, afeminado... Além de estar escuro... sua cor não ajuda. *(breve pausa)* E eu pressuponho que você nem saiba direito o que exatamente ou quem exatamente você seja.

ELE: Olha aqui, eu sou um artista que me transformo para fazer meus números. *(pausa)* Esse visual aqui se chama androginia *(fala pausadamente)* AN-DRO-GI-NI-A. E eu me monto assim para os meus números. E você é cego. Estou praticamente pelado e você não sabe a diferença entre garoto ou garota? Sobre a minha pele... *(pensa)* Por que eu tô me explicando se eu nem sei com... *(falando para ele mesmo enquanto tenta retirar a corda do corpo)* Devem ter entrado naquele lixo de camarim, daquele lixo de boate e colocado alguma droga na minha bebida, só pode.

(Continua a tentar desamarrar a corda, quando percebe que está ficando mais amarrado ainda.)

VOZ: Você está muito enrolado. Cada vez mais enrolado para conseguir se livrar dessa.

ELE: Moço, eu não quero nem saber quem você é... Só devolve minhas roupas e me deixa ir embora. Eu não tenho o que te oferecer.

VOZ: Não vai ser possível você sair de onde está.

ELE: *(ficando irritado enquanto ainda tenta se desvencilhar da corda)* Então... *(grita)* Então me diga o que você quer!!!

BLACKOUT EFEITOS DE RAIOS

(Longa passagem de tempo. Em blackout, entre a iluminação

de raios, aparece o personagem tentando se desamarrar. Na penumbra, anda pelo galpão, tateando em volta pra sentir onde pisa. Encosta numa parede.)

LUZ

CENA IV

(ELE aparece sentado num canto do espaço com ar de cansado, com a mão pousando a cabeça.)

(Acende fogo de uma vez sobre ELE.)

VOZ: Vamos, mocinha... Quer dizer, rapaz... Vamos lá, acorde!

ELE: *(levantando a cabeça, falando sempre pausadamente e com ar de cansaço)* Eu não estava dormindo. Estou pensando numa forma de sair daqui.

VOZ: Acho pouco provável.

ELE: *(enquanto se analisa)* Pelado... Amarrado... Eu não entendo mais nada...

VOZ: Muitos questionamentos nos deixam confusos, às vezes.

ELE: A minha roupa... Me deixaram exposto. Tiraram tudo o que me protegia.

VOZ: Acalme-se porque eu vim tentar deixar tudo mais esclarecedor.

ELE: Eu vou poder saber o motivo dessa confusão? Eu não suporto mais todo esse lixo, essa bagunça, esse lugar escuro, tétrico.

VOZ: Bem, vamos negociar sua libertação...

ELE: Admite que estou preso?

VOZ: Querido, isso quer dizer que você está perdido.

ELE: *(começa a chorar)*

VOZ: Pronto!!! Ela agora vai ter uma síncope.

ELE: *(limpando o rosto)* ELE, ELE, NÃO ELA!

VOZ: *(rindo)* Ok, tudo bem. Sem choros! Vamos tentar um acordo de cavalheiros. Te proponho um jogo da verdade.

ELE: Como assim?

VOZ: A verdade. Somente a verdade. Vá até aquele saco de lixo com um X marcado nele. Pegue o que tem dentro.

(ELE se dirige até o saco de lixo, abre, faz cara de surpreso e retira de dentro um caderno diário, igual ao do início do espetáculo.)

ELE: Como conseguiu isso? *(silêncio)*

VOZ: Acordo fechado?

(silêncio)

VOZ: Então escolha uma das lembranças aí, nesse seu livro diário, e conte-nos. Um momento real e importante. Algo bem pessoal e profundo da sua vida.

ELE: Já posso tirar essa corda?

VOZ: Ainda não.

ELE: *(falando sobre o diário)* Aqui eu guardo cada passo que dou... desde as primeiras rasteiras.

VOZ: A cada segredo que você revelar, eu te dou uma peça de roupa. E, assim que sua roupa estiver completa, você volta à sua vida. Que tal? Uma boa forma de te conhecer e ver se você merece mesmo ser libertado.

Vejamos se você consegue provar que é um homem que merece uma segunda chance.

ELE: Então, vocês só me libertarão se eu provar que sou uma boa pessoa, é isso?

VOZ: Isso será levado em conta. Mas a única coisa que pre-

cisa fazer é me contar sobre a sua vida. O que será avaliado é se está falando a verdade.

ELE: *(olha para a luz, tentando entender, olha o caderno em sua mão, levanta a cabeça, pensa bem em silêncio. Levanta, vai até a boca de cena e diz:)* Estou pronto. Posso começar?

VOZ: É dada a largada. REVELAÇÃO NÚMERO 1 – você tem 10 minutos para contar cada revelação. Se passar do tempo, a sua revelação será anulada.

ELE: Que absurdo!

VOZ: Seu tempo já está rodando...

ELE: Vou começar por essa página aqui.

Quando eu era criança, todos os dias, quando estava a caminho da escola, sempre esperava uma senhorinha idosa para ajudá-la a atravessar uma avenida perto de casa. Ela ficava supercontente e...

(sendo interrompido pela VOZ)

VOZ: Ah, você está de brincadeira, né? Não tem nada melhor?

ELE: Bem, deixa eu ver aqui. *(folheia seu caderno)*
(recomeça a contar)

Quando eu frequentava o ensino fundamental, o tal primá-

rio, eu era excluído das aulas de educação física!

VOZ: Nossa! Não tem nada mais interessante pra contar?

ELE: Calma, que eu vou chegar lá.

Então, enquanto todos os meninos estavam jogando futebol, sim... a aula de educação física era sempre um momento de futeboys... Enquanto isso, a garotinha aqui (*olhando para a luz*) era excluída, porque realmente eu não me incluía naquilo.

VOZ: Mesmo que você se incluísse, ninguém iria te querer ali.

ELE: Ah, eu tinha meus amigos próximos.

VOZ: Estamos no jogo da verdade. Se mentir, nada de liberdade e nada de volta ao lar.

ELE: Que pressão sem sentido! Nossa, como está frio aqui! Não tem mesmo como devolver uma peça de roupa minha só para eu não ficar doente?

VOZ: Até quando você vai fugir do jogo? O tempo corre...

ELE: Ok, ok.

Eu era a piada da escola. Eu era motivo de chacota no primário por ser tãaaaao feminino, afeminado. Mas eu superei, tá? Eu percebi que eu começava a ficar sozinho porque os meninos não queriam como amigo um outro garoto que se

comunicava como uma menina. As meninas eram mais receptivas comigo, mas como eu, um menino, iria me manter assustado e escondido atrás delas? Aí que eu viraria uma chacota mesmo.

Eu sempre me comparava com um garoto mais velho, da quinta série, que eu observava de longe. Ele era massacrado pela escola toda. Era a bichinha do “Coronel Peixoto Gusmão” – era o nome da minha escola.

Um dia, eu fui para a escola preparado a fugir da aula de educação física novamente, mas, quando eu cheguei, a escola estava um furdução! Tinha polícia na entrada, tinha ambulância na saída da rua de trás, tinha até repórter entrevistando meus amigos...

Eu morava num bairro considerado “familiar”, de classe média, aqui de São Paulo, que na verdade mais parecia uma cidade do interior, com as famílias tradicionais e respeitadas. Famílias de comercial de margarina.

Saiu no jornal de bairro que a bichinha do Peixoto tinha sido espancada no banheiro dos meninos.

No depoimento de um dos alunos, ele dizia que, enquanto ela mijava naqueles mijadouros coletivos, ela olhou para o pau do menino ao lado. O que se faz tanto atualmente, né? E o resultado é bem outro... Nesse caso, a atitude dela foi a gota que faltava num lago de preconceito que ela já sofria ali. Foi espancada cruelmente. E teve que ser levada para o hospital mais próximo. Depois... sumiu da escola.

Eu descobri o hospital onde ele estava internado e convenci meus pais a me levarem pra visitá-lo. Comprei um jogo de xadrez e levei de presente. Já tinham me falado que é o melhor jogo pra quem precisa aprender sobre estratégia.

Pronto! Está bom para você? Uma boa ação!

VOZ: Que bom garoto!

ELE: *(agradecendo com gestual clássico)* Obrigado!

VOZ: Vá até o segundo saco plástico da sua esquerda.

ELE: *(se dirige até o saco indicado)*

VOZ: Retire uma caixa que está aí dentro.

ELE: *(retira a caixa)* E agora?

VOZ: Abra a caixa.

ELE: *(abre e tira um saquinho de dentro. Abre o saquinho e retira uma chave enquanto a VOZ diz:)*

VOZ: A chave que está aí abrirá o cadeado que prende a sua corda. *(ELE rapidamente abre com a chave o cadeado e se livra da corda.)*

VOZ: Agora esvazie a caixa.

ELE: *(retira uma cueca jockstrap da caixa e a veste. De costa para a plateia, com a bunda exposta, diz:) Isso lá é roupa?*

BLACKOUT

RAIOS – SONS DE RELÓGIO DE PASSAGEM DE TEMPO

CENA V

(No escuro, ainda se ouve a voz de ELE cantando baixinho.)

*“Disparo contra o sol
Sou forte, sou por acaso
Minha metralhadora cheia de mágoas Eu sou um cara
Cansado de correr
Na direção contrária...”*

(luz subindo com ELE cantando)

*...Sem pódio de chegada ou beijo de namorada Eu sou mais
um cara
Mas se você achar...”*

(ELE, ainda cantando, olha para o teto e do alto desce, por uma corda, um recipiente de plástico ou metal, como uma marmita, com comida dentro.)

(ELE para de cantar. Retira a marmita da corda e começa a

comer o conteúdo com as mãos.)

(No meio da alimentação, ELE vê um rato caminhando pelo galpão, que começa a subir em seu corpo em direção à comida. ELE estapeia o animal e o joga longe. Quando tenta voltar a comer, a marmita começa a subir e ELE é interrompido pela VOZ.)

VOZ: Bem, basta de calmaria.

(Corda puxa marmita de volta enquanto ELE tenta alcançá-la sem sucesso.)

ELE: *(ainda de boca cheia, saltando em direção ao recipiente que sobe)* Eu não terminei!!!

VOZ: Lembre-se de que você ainda tem muito o que contar.

ELE: Que horas são? Eu estou faminto! Já virou o dia? Isso é muito cruel e desumano...

VOZ: Você quer continuar o jogo ou vai ficar aí choramingando e passar muito mais tempo aqui, talvez a eternidade?

ELE: Tá, tá. Eu não sei aonde você pretende chegar, mas vamos ler logo isso para acabar com essa palhaçada e eu ir para casa.

(Pega seu caderno novamente, folheia algumas páginas e percebe que há algo de errado.)

ELE: Alguém mexeu no meu diário! Arrancaram páginas! Deixaram algumas de acontecimentos espaçados no tempo. Não sobrou quase nada. Vocês querem definir o que eu devo contar? Isso não vale!

VOZ: Mas é só você falar a verdade. Seu tempo está correndo.

ELE: Alguém alterou o diário enquanto eu dormia? *(conferindo pelo galpão)*

VOZ: Para de drama, mocinha... Tudo bem. Façamos assim: se você se comportar e fizer sua parte, te entrego mais uma peça de roupa junto com um saquinho de pó pra você se divertir. *(pausa)*

(ELE olha com raiva para a VOZ.)

VOZ: Como sempre...

(Sem resposta, indignado, procura um acontecimento no caderno, sem encontrá-lo. Fecha-o e começa a falar.)

ELE: Ainda na fase escolar, eu ganhei uma competição de melhor aluno do período. Minhas notas...

VOZ: Não seja ridículo! Limite-se ao que conta no seu diário! *(ELE, irritado, folheia o diário e encontra uma história. Começa a ler.)*

EFEITO DE RAIOS

ELE: Noite estrelada de um verão qualquer.

O Camilo com o Miguel e o Sérgio passaram em casa, como havíamos combinado.

Chegaram às 22 horas para irmos para a “Sagitariu’s”, uma nova balada que era a sensação!

(explicando à VOZ) Após a época escolar, eu me formei e finalmente saí do armário. Me enturmei com um garoto gay do trabalho, no escritório de contabilidade, pois já éramos adultos e eu não precisava mais temer o tal bullying. E comecei finalmente a sair. Eu não estava mais totalmente no armário, mas ainda mantinha uma vida discreta.

Não seria bom minha família descobrir. Para qualquer rapaz, já é meio complicado se assumir para pai e mãe, e eu, além de tudo, era um garoto negro, né? E nós já carregamos nas costas bastante preconceito. Eu não queria expor meus pais a mais essa perseguição.

Essa noite, fui à minha primeira noite gay. Falei lá em casa que eu iria numa festa com amigos da empresa, mas não me aprofundei, claro.

A noite estava estrelada, no meio do verão. Brilhantes eram a lua e os corpos dos gogo-dancers na pista. *(rindo)* Era bíceps, tríceps, glúteos. Um açougue! *(ri)*

Nós lá em casa sempre fomos uma família de classe média, devido aos esforços dos meus pais para me criarem da melhor forma para um garoto como eu ter mais chances numa

sociedade desigual. Sendo assim, em cenários como esse, dessa boate e de muitas outras, onde você só encontra as bichas-padrão: bombadas, depiladas, frescas, endinheiradas e brancas... principalmente brancas... em cenários como esse, eu era uma exceção!

VOZ: Pronto! Lá vem o chororô racial!

ELE: Não era pra eu falar verdades??? Decida o que você quer!

VOZ: Ui!!!

ELE: *(continuando a história)* A música era boa e todos estávamos nos divertindo muito. Eu via aquele local como um paraíso enfiado em meio aos prédios da região nobre da cidade. As bichas todas felizes, dançando, algumas colocadas, outras não (rindo). Porque era assim mesmo. Foi lá que me apresentaram a bala, o doce, o pó... Eu salvei muita gente que passava mal naquelas pistas. Teve uma época que eu andava carregaaaada de pó... e, quando uma bicha se colocava muito e caía, eu a fazia acordar com meu estoque. Enfiava tudo na narina direita delas... e plim!

(dizendo em direção à VOZ) Antes de me julgar... Não era uma coisa de ser "junker" ou não. Não sejamos limitados. Certas drogas, muitas vezes, estão relacionadas, de uma forma até ingênua, a momentos de prazer, de comemoração... de dependência, de depressão... ok, ok!

Mas isso não acontece só em boate de viado, não. Em boa-

te hétero, em barzinho hétero, em puteiro hétero, também acontece MUITO.

Lembro que, naquela noite mesmo, eu ajudei a levar um cara que desmaiou na pista para o ambulatório.

Pronto! Olha aí. Mais uma boa ação! Já pode me dar mais uma peça de roupa!

(Do alto, começa a descer um cabide com uma peça de roupa.)

(ELE retira a peça do cabide e começa a colocá-la. Fim de cena.)

BLACKOUT

EFEITO DE RAIOS – SONS DE RELÓGIO DE LONGA PASSAGEM DE TEMPO

LUZ SUBINDO AOS POUCOS

CENA VI

(ELE está sentado no fundo do palco, consultando seu diário.)

(Assim que se acende a luz, ELE se vira para a frente e, se levantando, fala para a luz:)

ELE: Você demorou para reaparecer. Vamos terminar logo com isso. Passaram-se DIAS? DIAS? É ISSO? Como pôde me deixar aqui nessa escuridão, nesse lugar nojento, sem saber

o que ia acontecer? Te conto mais um trecho do caderno e assim vou embora logo.

VOZ: Conte aquela história mesmo até o fim e ganhará mais uma peça. Conforme o diário, aquela verdade que nos contou está incompleta.

(ELE, por um momento, fica pensativo. Breve pausa.)

ELE: Qual? Aquela da boate???

VOZ: Essa mesma.

ELE: Não tem quase nada além daquilo... Mas dane-se! Ok! Continuando, então, pra acabar logo com isso...

VOZ: REVELAÇÃO NÚMERO 3.

ELE: Deixa eu pensar... Onde eu parei mesmo? Ah, tá, lembrei! Com o passar das horas e o encostar dos corpos, elas (*as bichas da boate*) começavam a se atracar.

Naquele esfrega, esfrega, era impossível resistir àquelas bichas bonitas sem camisa... Meus amigos logo começaram a sumir, ficando com um aqui, com outro ali. Eu, naquela noite, não fiquei com ninguém. Só eu não fiquei. Normal. Normal???

E, depois daquela noite, fomos mais outra e outra e outras vezes para os “embalos de sábado à noite”, de sexta, domingo, feriado... E, com o passar do tempo, eu fui juntando as peças, como num

quebra-cabeça de algum filme de terror, e notei então, juntando a peça da bunda com a da coxa grossa, que eu, apesar de ser esse filé que você está vendo, sempre terminava a linda noite sozinho. O único. Voltando pra casa, eu e meus pensamentos, sempre escutando aquela música do Cazuza... Como é mesmo? (*cantarola:*)

*“Disparo contra o sol Sou forte, sou por acaso
Minha metralhadora cheia de mágoas Eu sou um cara...”*

Nunca fiz drama nem nunca admiti o real motivo daquilo, porque não convinha. Era uma noite para diversão e não para (*ironicamente, olhando para a VOZ*) “chororô racial”!

E eu nem queria aceitar o fato. Mas, unindo aquelas peças, foi ficando evidente que a única pretinha ali na boate não era o foco da maioria, não é mesmo? Eles deveriam olhar para mim e pensar: “O que ele está fazendo aqui???”.

Eu só tirei a prova quando o Miguel, um dos meus amigos, numa dessas noites, viu um outro rapaz negro na pista, se aproximando e se insinuando para ele...

Ele apontou o rapaz e fez cara de nojinho, dando risada para meus outros amigos.

Ele nunca havia tido esse comportamento com todas as brancas que ele já tinha arrastado. Ali, naquele momento, ficou evidente que eu e o rapaz éramos a exceção à regra. E olha que nós éramos sarados, tá?

VOZ: Mas será que a sua cor era mesmo a razão? Vocês es-

tavam bem vestidos? Será que não é coisa da sua cabeça?

ELE: *(fazendo cara de indignação)* Ah... Por favor! Eu só fui confirmando depois desse dia.

Toda vez que eu frequentava esse tipo de lugar, eu começava a observar a azaração entre as gays e... bingo! Tudo se repetia. Sempre tinha uma pretinha sendo excluída.

Aquilo me deu um estalo, que me fez lembrar de todas as noites que eu frequentei aquela boate e todas as outras, porque eu sou assim... Situações extremas me fazem lembrar do passado, como uma catarse.

E eu não ficava naqueles lugares com ABSOLUTAMENTE ninguém! E não era porque eu nunca estava a fim... Mesmo a fim, simplesmente eu não era um produto consumível na visão deles.

Chega! Chega! Não quero me lembrar disso. *(estende a mão para a luz)* Minha roupa!

LUZES ABAIXAM

(À meia-luz, aparecem novas partes de sua roupa de show descendo por um cabide pendurado numa corda.)

BLACKOUT

EFEITO DE RAIOS – SONS DE RELÓGIO LUZ SUBINDO

CENA VII

(Percebe-se que ELE já está com várias peças de roupa e, sendo assim, já se passou um bom tempo.)

(ELE faz exercícios físicos para passar o tempo. Enquanto se exercita, canta:)

VOZ: "...Eu não tenho data pra comemorar

Às vezes os meus dias são de par em par Procurando agulha
num palheiro

Nas noites de frio é melhor nem nascer

Nas de calor, se escolhe, é matar ou morrer..."

(ELE, cansado, para, vai até a boca de cena, procurando o foco de luz da VOZ, que está apagado.)

ELE: Hey! Há quanto tempo estou aqui? Já faz dias, semanas?

ELE: (em direção à luz) Hey! Sr. da luz divina! *(silêncio)* Hey, todo-poderoso! *(silêncio)*.

(ELE caminha pelo espaço, tentando encontrar o que fazer. Demonstra tédio. Depois de caminhar em várias direções, começa a cantarolar novamente o mesmo trecho.)

VOZ: "...Eu não tenho data pra comemorar

Às vezes os meus dias são de par em par Procurando agulha
num palheiro
Nas noites de frio é melhor nem nascer
Nas de calor, se escolhe, é matar ou morrer..."

(Som de carro com sirenes semelhantes a sirenes policiais. Corre para um dos cantos e começa a gritar:)

ELE: Socorro! Socorro! Alguém me tira daqui! Socorroooooo!
Aqui no galpão! *(corre de um lado para outro, batendo nas paredes)* Socorroooooo! *(Repentinamente, começa a escutar pessoas falando.)*

(Sons de vozes vindo do lado de fora.)

VOZES: Hey, você me escuta? Como você está? Você está bem? Você me escuta?

ELE: Socorro! Eu escuto! Estou aqui dentro! Estou aqui!!!
(Acende foco de VOZ.)

VOZ: tsc, tsc, tsc. Que coisa feia! Eu te dando toda a atenção...
Te dando roupa, comida, te dando chances de desabafar... E
é só eu virar as costas que você começa a fazer escândalos?

ELE: SOCORROOOO!!!

(silêncio)

VOZ: Não vai me dizer nada? *(Som de polícia retorna ao longe.)*

ELE: *(volta a gritar)* Socorro!!!

VOZ: Pode parar de berrar! Não tem ninguém aí! Você está longe de tudo!

ELE: Socorro! Socorro! Eu estou aqui! *(batendo em uma das paredes) (silêncio)*

(De repente, som de carro com sirene se afastando aos poucos. Ele se desespera, batendo em uma das paredes.)

ELE: Não me deixem aqui, pelo amor de Deus! Eu estou aqui!! *(Sem sucesso, começa a chutar uma das paredes.)*

(Machuca o pé. Grita.)

ELE: Ai!!! Inferno!!!!

VOZ: Está feliz agora? Acabou o escândalo?

ELE: *(agressivo)* Eu não suporto mais isso!!!
(Parte para chutar, rasgar, jogar longe os sacos que estão à sua volta.)

VOZ: *(irônico)* Nossa, que agressivo! Aqui não tem estrelismo de drag queen fracassada, não! Você achou que seria mesmo escutada de dentro de um galpão lacrado? Achei

que fosse mais esperto. Eu sei que você é calculista, que é minucioso e bem esperto quando quer.

(silêncio)

ELE: *(dando um grito de desabafo) AAAAAAAHHHHHHH! (Respira fundo, vai até o caderno, folheia.)*

ELE: REVELAÇÃO NÚMERO - 4 vamos logo com isso . Assim eu saio daqui de uma vez!

(Acha uma história no caderno. Lê um trecho, joga o caderno no chão de forma impaciente. Caminha até o fundo do palco. Vira em direção à luz e começa a falar.)

ELE: Como eu dizia, nós que somos negros e gays...

VOZ: Ihhhhhh...

ELE: Cala a boca!

(falando em volume mais alto e firme) Nós que somos negros e gays sempre temos mais dificuldades em nos relacionarmos. Você acredita que eu tive um namorado oficial em toda a minha vida? UM??? Sabe quantos anos eu tenho??? E sabe por quê? Porque ninguém quer levar uma bicha preta pra apresentar aos pais no Natal! Ninguém quer levar essa bicha preta como seu namorado para o cinema com os amigos! Ninguém!

Vocês todos falam muito de solidão, mas vocês não fazem ideia do que seja solidão!!! Não fazem ideia!!!

Vamos lá! O jogo é esse, né? Vamos às verdades!!!

A bicha preta é valorizada quando está na cama. A bicha preta serve como prêmio para satisfazer as taras sexuais mais bizarras, mas acaba aí!

O homem negro é visto como um cavalo reprodutor, que foi feito para satisfazer os desejos de VOCÊS!!! (*aponta para a luz*)

Essa bunda aqui (*bate no próprio traseiro*), de uma gay preta passiva (*demonstra gestualmente o próprio corpo*), não é desejada. O gay negro já tem valor de um pão francês... queimado... e, quando ele não é o negão manga-larga, superdotado e ativo, ele não serve pra nada. Absolutamente nada! Você não imagina quantos absurdos eu já escutei!

(*imitando*) Ah... que desperdício... um negão desse... ah, mas você não pode ser passivo!

Eu não tenho preconceitos contra gays. Qualquer um pode dar a bunda, mas negão, não. Negão, eu não aceito!

Eu nunca consegui me relacionar na REAL!!!

O meu único namoro foi um desastre! Eu fui tratado como um pedaço de carne que, depois de muito usado, foi trocado por uma bicha branca, assim, ó (*estala os dedos*), em tempo record! Depois que me largou, casou em quatro meses!

Comigo, namorou dois anos e meio para nem me assumir direito.

E sabe quantos namoros não assumidos eu tive que aturar? Sim, porque todos me amavam. (*exagerado*) Me amaaaaaa-vam. Desde que fosse às escondidas. Depois me largavam... E, assim que me largavam, arrumavam um branco, amarelo, vermelho... E com qualquer outra cor tinham um relacionamento superduradouro, anunciado em redes sociais, em jornais, em outdoors!!!

(*falando para a luz*) Nem tente entender, porque você não sabe o que é isso! Porque negro você não deve ser! Negro não trancafia ninguém, não!

Tá satisfeito? Tá satisfeito de eu assumir assim, de uma vez, a minha eterna solidão e frustração?

E eu já estou de saco cheio de tudo isso aqui. Tô de saco cheio desse galpão, dessa sujeira em volta de mim, dessa sua voz ridícula na minha cabeça. Cansado de tudo isso!

E cadê a outra parte da minha roupa? Ou vai esperar dar outro apagão ou passar mais tempo?

VOZ: (*falando quase baixo*) Ali ao lado, à sua esquerda.

(*Ele se dirige à roupa, que está num canto, e a pega.*)

ELE: Bem, só os calçados agora, né? Luvas? Manda tudo logo!

Cadê aquela porcaria de diário?

(Pega o diário novamente, como se fosse ler mais um trecho. Chuta o diário longe.)

(ELE continua com as verdades.)

ELE: Verdades! Não é isso o que você quer? Verdades! *(ironicamente)* REVELAÇÃO NÚMERO 500 pra ver se você me entrega minhas luvas e peruca!!!

Meu apartamento tem menos vida que um mausoléu. Isso não quer dizer que eu não tenha ninguém. Isso quer dizer que eu talvez não seja nada pra ninguém! Eu nunca consegui evoluir, progredir direito na minha vida, talvez por todas essas questões de afeto, aceitação!

Posso parecer divertido, antenado, descolado. Por esse meu trabalho à noite, em meio à diversão e entretenimento, mas eu sou triste! Triste, sabe?

(como um desabafo)

Todos os meus supostos relacionamentos com rapazes quase fantasmas não passaram de uma faculdade em humilhação.

Desprezo! Fui traído, fui largado! Nunca, nunca fui pedido em namoro de joelhos, jantar e pompa. Nunca fui assumido e levado a sério. Percebe que eu nunca, na verdade, nunca fui valorizado,

nunca fui nada pra ninguém? Nem pra branco nem pra negro! O prêmio que merece ser apresentado como namorado é um prêmio de olhos azuis e boca rosada, igual ao galã da novela.

(silêncio)

É uma dor aqui dentro. Uma solidão que parece ser eterna! Enquanto todos os meus amigos não negros que eu conheço se relacionam com alegria, os outros negros e eu... sobramos à solidão. A não ser que a gente tenha dinheiro, fama, aí não falta quem queira...

Quem sabe talvez nos reste pagar garotos de programa em alguma sauna de quinta no final da vida.

Você nunca irá compreender. Definitivamente... NUNCA! A dor do outro nunca nos afeta, não é mesmo?

Talvez se você for outro cidadão negro, talvez você entenda um pouco do que eu quero dizer... talvez... Se for negro e gay, aí, sim, vai saber bem do que eu estou falando.

A solidão da bicha preta.

A carne que não é a mais barata do mercado É a carne que é jogada fora. Nem de graça, meu amigo. Nem de graça...

(Silêncio.)

ELE: Então? Está satisfeito de eu me expor dessa forma???

VOZ: Pode pegar suas roupas.

(Descem sapatos por outra corda. ELE calça os sapatos no silêncio.)

ELE: Eu ainda não sei o motivo de tudo isso e nem como vou conseguir sair daqui e seguir para minha casa, mas... o importante é que acabou.

(Caminha até o fundo.)

(No meio do caminho, para e se volta para a luz.)

ELE: Ah! Você e tudo isso aqui... É tudo tão patético! Se você nunca tentou, comece já a se tratar.

(Aparece uma luz no fundo de cena, como se abrisse uma porta. Enquanto caminha em direção à luz, começa a descer por uma corda um rádio tocando "O tempo não para", do Cazuza.)

(ELE para subitamente. Rádio vai até o chão. Quando para a música, uma voz no rádio diz:)

VOZ DE LOCUTORA: Vocês acabaram de ouvir "O tempo não para", de Cazuza! E uma notícia extraordinária! Foi encontrado, nessa tarde, um homem assassinado em sua casa. O corpo, dividido em várias partes, faltavam as mãos, os pés. Um crime que lembra...

(ELE vai até o rádio e o desliga de forma agressiva. Quando para o rádio, a VOZ fala:)

VOZ: Quem tem que se tratar aqui não sou eu!

CENA VIII

(Luz ao fundo se apaga, como se a porta se fechasse.)

(Enquanto a VOZ vai falando, ELE lentamente vai olhando para ela.)

VOZ: Você pensa que há algum idiota aqui? A única exigência do jogo era a verdade! Sem truques, sem manipulações.

E o que foi que você fez?

Você mentiu, VOCÊ MENTIU, MENTIU e omitiu!

Você acha que vai sair daqui sem contar a fase atual da sua vida, que é a que diz mais sobre você?

(ELE, em silêncio, observando.)

(Ressurgem sons de carro, sirene e pessoas chamando. Ele corre para a parede, gritando.)

ELE: SOCORRO!!! Estou aqui!!!

VOZ: CALA A BOCA! Você não vê que isso é coisa da sua cabeça? O seu desespero está te devorando!!!

(ELE começa a se abaixar, descontrolado, batendo na sua cabeça, como se quisesse fazer algo funcionar.)

VOZ: A única chance de você voltar ao normal é se abrindo. É admitindo.

VOZ: REVELAÇÃO NÚMERO 8.

(ELE, aos poucos, vai se controlando, mudando a expressão do seu rosto e mostrando-se calmo, até esboçar um sorriso de canto de boca.)

(ELE se dirige até o meio do palco, olha para a luz e diz:)

ELE: Na minha vida atual, eu faço meus shows e eu sou feliz.

(Após a frase, alguns sacos de lixo que estão no cenário são puxados pelo fundo por cordas amarradas no teto. Um de cada vez.)

(O conteúdo dos sacos, quando caem em cena, revelam pedaços de corpos. Em um saco tem braços, em outro, pernas, em outro, uma cabeça humana.)

(O som da polícia retorna muito mais próximo que antes.)

(Ele fica em choque, correndo até onde está a porta do fundo e se abaixando, como se estivesse se escondendo.)

EFEITOS DE RAIOS

(Num misto de desabafo e ódio.)

EE: Eu menti! Menti quando te contei o episódio da escola na minha infância. Eu não comprei um jogo de xadrez para a bicha que apanhou no banheiro, eu não fui visitar ninguém no hospital!

A bichinha do banheiro masculino era eu! Eu! *(gritando)* EU! ERA EU! Eu, voz dos infernos! Eu, patrulha policial! Eu, rato do esgoto! EU, VOZ DA MINHA CABEÇA! *(bate novamente na própria cabeça)* EEEEEEEEEEEUUUUUUU!

Eu era o alvo pink e vermelho de sangue do “Coronel Peixoto Gusmão”. Fiquei internado uma semana depois de ser espancado por cinco rapazes da sétima e oitava séries. Quebrei nariz, o braço, o corpo todo e, principalmente, algo aqui dentro *(apontou para o próprio peito)* e aqui *(aponta para a cabeça)*.

Esse momento ficou gravado na minha cabeça *(dá socos na própria cabeça)* como um disco antigo riscado, repetindo o mesmo trecho da música.

Eu sonho com esse episódio quase todas as noites. E todos os dias. Como raios na minha cabeça que ativam minha memória.

Juntando esse momento a todas as frustrações amorosas que eu tive e mais os preconceitos, perseguições e injus-

tiças do nosso dia a dia, eu não consigo mais ter nenhum pingo de esperança.

Os únicos pingos que surgem na frente dos meus olhos são os pingos vermelhos do meu próprio sangue escorrendo pela minha face naquele banheiro escolar.

Aqueles pingos... Aquela cor me perseguiu mentalmente e reaparecia cada vez que eu revivia um momento de preconceito, de frustração e, principalmente, de rejeição!

Aqueles amantes que me traíam, que me ignoravam, que me usavam como um objeto sexual negro... Aqueles futuros namorados que se tornavam ex-namorados diante da menor possibilidade de comprometimento, me davam ÓDIO. Revolta, sangue nos olhos. Ódio!

(Se direcionando até os pedaços de corpos e pegando um braço.) Eu os queria pra mim nem que fossem aos pedaços. E eu os tinha! Por toda a eternidade! Eu os tenho! Essas braços são meus! Essas pernas são minhas! A cabeça é minha! Os pênis, o coração! São meus!

Você quer revelações e verdades? SIM! Eu cometi todos esses crimes durante anos da minha vida!

A bicha preta abandonada e solitária que fui, e muitos são assim como eu, toma o controle cada vez que eu esquartejo cada corpo ingrato que passa pelo meu caminho.

Eu me acho um psicopata? Um sociopata? Não sei se me encaixo nessas categorias, mas eu não sou burro como você imagina! Eu cometi crimes perfeitos! Eu pensei em todos os detalhes com cada ex-amante branco.

Como matar e não deixar pistas, impressões digitais, testemunhas, evidências. E aprendi absolutamente tudo com os filmes e programas de investigações criminais.

Serial killer? Serial killer, sim. Acho uma definição elegante!

Eu aprendi como ter um álibi perfeito!

E tudo isso porque eu não merecia! Não merecia nenhum daqueles momentos de rejeição! Eu não merecia nenhum daqueles momentos. E também para eles aprenderem que isso não se faz! NÃO SE FAZ! E, se fizer, é uma vez só!

(ironicamente ELE diz:)

ELE: Essa foi a REVELAÇÃO NÚMERO 9.

(Luz começa a descer em fade-out.)

BLACKOUT

SONS DE RELÓGIO – PASSAGEM DE TEMPO CENA IX

(Acende foco de luz e ELE aparece no fundo da cena. ELE está numa cadeira de rodas ou segurando um porta-soro. Está de camisola de hospital.)

(ELE para, retira o diário do bolso e começa a escrever.)

ELE: *(falando em OFF)* – Naquele dia do desmaio, na casa de shows, eu fui levado ao hospital mais próximo.

Me disseram que fui levado em uma ambulância com sirenes altas e com pessoas que perguntavam o tempo todo para mim se eu estava bem, mas eu, às vezes, só dizia: *(ELE, em cena, olha para o público)* SOCORRO! Me tira daqui!

ELE: *(fala para o público)* Nesse tempo que eu estive na ambulância desmaiado, até a chegada ao hospital, eu tive pensamentos e vivi, como num sonho, um acontecimento estranho, mas que parecia real. Alucinações concretas.

ELE: Assim que despertei, eu perguntei ao médico se ter alucinações nesse quadro era normal. Ele me disse que sim, mas que as alucinações sempre estão ligadas a acontecimentos reais ou às nossas problemáticas diárias.

O doutor me disse que foi a coca que eu cheiro, mais o whisky que tomo como fuga, mais os remédios para dormir e para esquecer, mais a tensão das minhas frustrações e traumas que se transformaram numa bomba-relógio e fizeram com que eu desmaiasse naquela noite, dando um curto-circuito no meu cérebro.

Não, não foi uma alucinação sem sentido essa que eu tive.

(Volta a escrever no diário.)

Assim como sou viciado em programas de investigação criminal, que me dão base para eu cometer meus crimes perfeitos, eu também sou viciado em programas sobre como funciona o cérebro. Eu preciso entender como funciona. Como funciona o cérebro de alguém. Sou definido nos programas de TV e vídeos da internet como um sujeito com alto grau de sociopatia.

(Enquanto fala, vai tirando a camisola, colocando uma roupa normal.)

O que me deixou mais curioso é que tudo o que eu alucinei entre o desmaio e o hospital são fatos reais. Minhas frustrações, os preconceitos, meus traumas amorosos, meus crimes. A minha vida toda.

As sinapses como raios no cérebro que ligam as ideias são reais.

O diário é real.

Os acontecimentos do passado são reais.

O sangue e os crimes também são o que há de mais real.

(Enquanto fala, começa a caminhar em direção à plateia,

como quem está fugindo do hospital onde estava.)

(Enquanto anda, diz:)

Eu não tenho nem posso ter para quem contar meu passado, então, conforme os programas sobre o cérebro, nós que temos lapsos, em algum momento, conversamos com a nossa voz interior.

Alguns veem a luz no final do túnel durante a quase morte.

Eu vi o filme que conta nossa história.

(Passa do caminhar ao correr em direção à plateia, ainda fugindo do hospital. Cenicamente, ele corre sem sair do lugar, como se estivesse em uma esteira de academia.)

O doutor Cláudio, que me atendeu no hospital, é um gato. Ele me fez elogios, me chamando de lindo, inteligente. Como todo branco interessado, criou expectativas em mim e me apaixonei. Quase agora eu não aguentei e contei a alucinação que eu tive, a minha vida de rejeições e crimes. Ele prometeu que me ajudaria a resolver tudo. Até eu melhorar.

Num momento, ele foi ao banheiro e esqueceu o celular sobre a cama, próximo aos meus pés... Só notei porque ele recebeu uma mensagem e eu, aproveitando que ele

não estava, olhei no aplicativo a foto do outro homem branco, que o chamava de amor, dizendo que viria buscá-lo depois do expediente no hospital, pois tinha confirmado a reserva no hotel para comemorarem mais um ano de namoro.

Eu tive que resolver.

(Tirando um canivete do bolso, cheio de sangue, e ainda correndo em direção à plateia.)

Eu o apunhalei na garganta, mas consegui guardar de lembrança um dos dedos.

(Tira o dedo de outro dos bolsos e mostra à plateia.)

Prefiro guardar como lembrança braços ou pernas brancas. Mas dessa vez só deu pra isso.

(Som de sirenes ao longe.)

Eu vou lidar sozinho com meus problemas, como sempre.

(Sirenes se aproximam e ele corre mais e mais rápido.)

E eu não vou aceitar.

Ah, não... eu não vou aceitar. *(Correndo, ele abre um sorriso.)*

(Luz vai baixando enquanto aumenta som de sirene policial

e toca desde o começo a música “O tempo não para”, de Cazuza.)

(E, durante a música, ele corre. Fecha a cortina.)

FIM

APOLLO FARIA

É formado pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Iniciou profissionalmente como ator e posteriormente estudou e trabalhou com diversos profissionais renomados internacionalmente: Antunes Filho, Gerald Thomas, Judith Malina & The Living Theater, Christoph Schlingensief. Apollo se aprofundou em direção teatral, produção e sound designer. Estudou dramaturgia, durante o CPT- Antunes Filho, que na época desenvolvia um método específico de teatralidade. Atualmente, escreve críticas teatrais para o site “Instituto Portal Afro” e em uma coluna sobre Arte e Cultura na Revista espanhola “Estampa”.





CANTATA DESCONTÍNUA DAS ÁGUAS PLUVIAIS



por
DAIANY PONTES

*UMA GOTEIRA CAI CONTINUADAMENTE SOBRE UM BALDE. MARIA
AÍDA ESTÁ DEITADA NA CAMA, CONTANDO UMA HISTÓRIA PARA
AKIN DORMIR.*

CASA

MARIA AÍDA: O povo antigo contava que, quando morria alguém em Diamantina, o povo ia levando o cadáver era cantando. Não podia levar eles calado, não. Até os sinos tocavam seu fúnebre adeus. Era goela e sino, goela e sino.

AKIN: Mãe, quando eu morrer, eu quero um montão de sino tocando, igual ao da igreja do Rosário. *(Imita os sons dos sinos tocarem.)* Tililililin, tililililin, tililililin nnnnnnnn.

MARIA AIDA: Ué, menino. Não precisa morrer para ouvir os sinos tocarem. Amanhã você fica pronto que, quando eu chegar do trabalho, vou te levar no Rosário. Agora vamos se ajeitando, que tenho que tá de pé antes do galo cantar.

AKIN: *(Virando de um lado para o outro.)* Ainda tô com fome. Será que ainda tem den...

MARIA AÍDA: Denguê! Mingau, sustância! Tem, sim, meu filho. Vou fazer um pouquinho pra você conseguir dormir...

MARIA AÍDA PEGA A FARINHA BRANCA, QUE JÁ ESTÁ NO FINAL, E MISTURA COM ÁGUA, ASSIM PREPARANDO O DENGUÊ.

MARIA AÍDA: *(Entrega o preparo para Akin.)* Toma, meu filho.

AKIN TOMA TODO O DENGUÊ NUMA GOLADA E SE DEITA NA CAMA NOVAMENTE.

MARIA AÍDA: Até esses dias, você era tão pequenininho... Olha só os riscos na porta! Falando nisso, vem cá, vamos ver se meu menino cresceu.

MARIA AÍDA PEGA UMA FAQUINHA DE SERRA, POSICIONA AKIN NA PORTA E RISCA SUA ALTURA PARA COMPARAR SEU CRESCIMENTO.

MARIA AÍDA: Que estranho, você cresceu só um pouquinho do ano passado para cá!

AKIN: Que nada, mamãe, deve ser porque tô com sono e não me aquietei certinho pra senhora riscar. *(Imitando o tom de voz da mãe.)* Agora vamos se ajeitando, que já, já o galo vai cantar.

MARIA AÍDA: Prometo que as coisas vão melhorar pra gente...

MARIA AÍDA E AKIN SE DEITAM PARA DORMIR.

AKIN: Te amo do tamanho da lua cheia, mamãe.

MARIA AÍDA: *(Emocionada.)* Te amo do tamanho da lua cheia, meu filho.

O

Relógio

Gira

Os

Seus ponteiros

E passam-se

Seis horas.

MARIA AÍDA: *(Bate a mão no rádio-relógio.)* Não acredito que já é essa hora. *(O galo canta e Maria responde ao galo.)* Ê, bicho, acordei antes de você de novo!

MARIA AÍDA ARRUMA SUAS COISAS PARA SAIR.

MARIA AÍDA: *(Beija seu filho, que ainda está em estado de sonolência.)* A comida está pronta na geladeira, é só esquentar. Cuidado com a panela no fogo... Filho, qualquer coisa, é só chamar seu Vicente.

AKIN: Tá bom, mamãe, vai com Deus.

MARIA AÍDA SAI CORRENDO PARA PEGAR O ÔNIBUS.

MOTORISTA 1: Ê, dona Maria, vamos pisar no freio que a gente tem que chegar antes do sol.

MARIA AÍDA: Ainda bem que tenho a sorte de ir sempre na janela. Quando eu não tô tão cansada, vou com olhos bem abertos, que é pra ver o céu caindo em vida e a cidade despertando. Mas tem dias que eu só consigo dormir e dormir... E como é que vão seus meninos?

MOTORISTA 1: Hoje é o primeiro dia de escola do Joãozinho, meu mais velho. Ah, dona Maria, a senhora precisa ver como ele é sabido. Só de olhar fazendo ele já aprende.

MARIA AÍDA: Ê, as crianças de hoje em dia já nascem espertas. Lembro, como se fosse hoje, o dia que Akin, meu menino, escreveu meu nome a primeira vez. É uma emoção tão grande poder ver as coisas mudadas... Meu menino, tão pequeno, lendo e escrevendo.

MOTORISTA 1: Ê, dona Maria, essas crianças vão mudar o mundo.

MARIA AÍDA SORRI EM RESPOSTA, SENTA-SE NA JANELA E ADORMECE.

MOTORISTA 1: Dona Maria, dona Maria! Chegamos no ponto.

MARIA AÍDA: *(Desce do ônibus.)* O senhor sempre tão gentil comigo. *(Acena.)* A gente se vê amanhã.

O MOTORISTA SEGUE SUA VIAGEM.

MARIA AÍDA CAMINHA PELA RUA ATÉ CHEGAR AO SEU TRABALHO.

BARRACÃO DE COSTURA - BRÁS

ROSA: Bom dia, Maria Aída.

MARIA AÍDA: Bom dia, Rosa. *(Inquieta.)* Essa noite eu tive um sonho tão estranho. Sonhei com o mar, eu nadava e andava sobre ele, a ponto de conseguir sentir meus pés no chão, no chão do mar. Eu mergulhava e, quando voltava minha cabeça na superfície, ela estava deitada nas ondas e vinha uma brisa e isso era vasto... Me sentia viva! Mas, segundos depois, uma força puxava meus pés e eu me debatia e me sentia incapaz de sobreviver. E depois eu via... via dentro do mar toda a minha vila e nossas casas se afundando nas ondas... E meu Akin, lutando com as águas. Como é que pode aquele mar, que até agora há pouco me fazia sentir viva, agora tentava me tirar a vida e tudo que tenho?

ROSA: Sonhar com água é coisa boa, Maria. As águas vêm para lavar tudo o que for ruim. Agora, vou te falar uma coisa: o mar de costura que temos para hoje, Deus é mais!!!

MARIA AÍDA: *(Senta na máquina de costura e começa a trabalhar.)* Pois é, Rosa! Faz, desfaz, faz de novo. Põe fé na passagem da agulha, põe fé nas linhas, nas cores, senão não

acontece a travessia da linha nos tecidos. É bonito. Eu gosto. É uma dança. Está virando uma outra coisa. Ainda não sei o que é, só sei que é.

ROSA: *(Estranhando.)* É, parece que tá. Mas ó, segura bem firme e não vai deixar a agulha cair. A agulha, quando cai, ihhhhh! O chão engole ela, camufla, sabe como é. Cê vai achar ela depois de um tempo no seu pé. Rasga. Dói. Segura firme!

MARIA AÍDA: *(Sorri em resposta.)* E não é? Eu tô segurando bem firme! O corpo todo segurando. Quiçá até os santos tão segurando junto comigo. Os homi ruim tão doido pra ver ela cair, mas olha cá *(mostra a agulha)*, guarda nos olhos, que é assim, ó: ginga! Deita a danada no fundo do tecido e levanta. Deita e levanta!

ROSA: Parece que, cada dia que chego aqui, o serviço é maior, com esse tanto de costura. *(Aponta para o chão, que está repleto de tecidos.)* No mínimo, dez horas de serviço. Dez horas pra ganhar centavos por peça costurada. Não, isso não é justo. Isso não é justo!

MARIA AÍDA: Na costura, sempre foi desse jeito, Rosa. Não sei por que você ainda não se acostumou. Antes alguns centavos do que nada.

ROSA: Não está certo, Maria. É exploração e eu nunca vou me acostumar a ser explorada.

MARIA AÍDA: Faz anos que te escuto falar a mesma coisa....
Eu já me conformei. É melhor assim...

ROSA: Nem conformada e nem acostumada. Bota fé, Maria:
Eu vou revolucionar a costura!

MARIA AÍDA: O que é isso, Rosa, revolucionar? Você anda
com uns papos tão estranhos.

ROSA: Sabe quando uma coisa está no meio do caminho e
atrapalha um monte de pessoas que querem passar por aquele
caminho? Tem gente que vai desviar daquela coisa e continuar
a caminhada, tem gente que nem sequer vai ver aquela coisa. E,
por fim, vai ter a pessoa que vai tirar aquela coisa do caminho. É
isso, Maria, alguém precisa mudar as coisas que estão postas de
lugar. Liberdade de trajetos. REVOLUCIONAR! É, Maria, vou sim!

MARIA AÍDA: Se é pro nosso bem, eu boto fé. Agora vamos
acelerar que a gente ganha é pelo tanto que a gente costura.

*OS TECIDOS TOMAM CONTA DO AMBIENTE E AMBAS COSTURAM
SEM PARAR.*

CASA

*AKIN LEVANTA-SEEESVAZIA O BALDE, QUE ESTÁ TRANSBORDANDO
DA GOTEIRA NOTURNA.*

AKIN: Ou a gente compra mais balde ou a goteira vai tomar conta da casa.

AKIN ESCUTA GRITAR SEU NOME NO PORTÃO.

AKIN: Já vai... já vai! *(Resmungando.)* Isso lá são horas de bater no portão alheio?

SEU VICENTE: Menino Akin, tava passando aqui na rua, a chuva apertou e eu resolvi bater.

AKIN: *(Aponta para os baldes.)* Olha isso, seu Vicente, já perdi a conta de quantos baldes esvaziei. Tem goteira por todo canto.

SEU VICENTE: Pode deixar que esvazio os que acabaram de encher. Afinal, só vou embora quando as goteiras amenizarem. Olha, Akin, tá na hora de vocês procurarem um cantinho melhor pra vocês. Ontem mesmo a Joana, sabe aquela que mora no começo do morro? Então, a Joana me disse que, se cair uma chuva forte, esse morro não sustenta, não. Vai Tudo Ladeira Abaixo.

AKIN: *(Assustado, olha para a goteira, que aumenta excessivamente.)* Pois é, nem tudo depende de querer, seu Vicente... Ontem o céu tava tão bonito. Eu olhava pra ele e as nuvens pareciam com meu caderno de desenhos. Eu vi uma árvore enooooorme no céu, vi um cachorro, vi até

o meu doce predileto, pudim de chocolate, voando no céu. Pisquei o olho e vupt, sumiu. Minha mãe me disse que no final do mês, se sobrar dinheiro, ela vai fazer um pudim de chocolate, igualzinho ao que vi no céu. Mas eu sei que não vai sobrar dinheiro, seu Vicente. Então eu abro a porta todo dia, olho pro céu e imagino meu pudim. Eu não vejo a hora de crescer mais um pouquinho pra poder trabalhar e ajudar minha mãe.

RÁDIO: Mulher é presa por roubar três pedaços de carne em supermercado.

SEU VICENTE: Deus me livre! É cada notícia, viu? Presa... presa! (*Inconformado.*) A miséria assombra não somente os estômagos vazios. A miséria assombra o juízo, o sono, engole sorrisos e sonhos. Como é que podem punir alguém que rouba para estancar a fome? Ou você mata a fome ou ela te mata.

AKIN: Seu Vicente, o senhor tá igual mamãe. Bravo com o ilê.

SEU VICENTE: É que tá difícil escutar o ilê ultimamente, Akin...

AKIN: O senhor quer que eu desligue?

SEU VICENTE: Não, deixa que daqui a pouco toca as músicas que a gente gosta... Akin, todo dia eu deito meu ori no chão e peço aos orixás que o bom destino lhe acompanhe, que seu ori esteja no orum e ayê na mesma frequência. Pés firmes na

estrada! Contaram pra mim, numa manhã dessas, que o povo Tchokwe faz desenhos sona ou lusonas para contar histórias. Não pode levantar o dedo ou passar duas vezes por cima da mesma linha enquanto o desenho não tiver sido finalizado. O dedo se prende ao desenho como que garras. É a verdadeira visão de que histórias precisam estar em movimento. Histórias desenhadas por dedos de povos pretos. E ali, nesse desenho, todo o morro se vê. Esse é o grande acontecimento!

AKIN: Uau! Será que a gente consegue desenhar igual esse povo Tchoo...?

SEU VICENTE: Tchokwe! Podemos tentar, mas não hoje. Hoje, eu trouxe o violão pra te ensinar a tocar mais uma canção. É uma canção pra Oyá.

AKIN: O que é Oyá, seu Vicente?

SEU VICENTE: Oyá é um orixá. Sabe quando você anda na rua e sente o vento sobre seu rosto? É Oyá te cuidando. Quando você olha pro céu e vê um raio, é Oyá intensificando seus sentimentos. Oyá limpa e transforma tudo com seus ventos e tempestades. *(Começa a dedilhar no violão.)*

Mãe do céu rosado. Mãe do céu rosado.

Seu nome é Yansã, seu nome é Oyá, Oyá, Oyá... Oyá.

O BALDE TRANSBORDA E AKIN CORRE PARA Esvaziar o restante do balde. Um telhado cai. Ele abre a porta pra vera chuva,

QUE ESTÁ BEM FORTE. OUTRO TELHADO CAI E ELE COMEÇA A ESPALHAR AS PANEAS PELA CASA PARA APARAR A ÁGUA.

VIZINHO 1: *(Bate na porta.)* Tem alguém aí que possa ajudar?

SEU VICENTE: *(Assustado.)* O que aconteceu?

VIZINHO 1: Sabe a Joana? A água tomou conta da metade da casa dela. Estamos tentando salvar alguma coisa.

AKIN E SEU VICENTE SAEM PARA AJUDAR. DESCEM METADE DA RUA, NO ENTANTO O VOLUME DA ÁGUA COMEÇA A AUMENTAR E TAMBÉM VENTA AO MESMO TEMPO. A CHUVA COMEÇA A DESTRUIR OUTRAS CASAS TAMBÉM.

VIZINHO 2: Me ajuda, pelo amor de Deus! Meu cachorro tá lá dentro, eu tô com o braço machucado, não consigo entrar, pegar e segurar ele. Me ajuda, me ajuda!

OUVE-SE O SOM DE LATIDOS E COISAS QUEBRANDO.

AKIN: Vou entrar pra pegar o cachorro. Me espera aqui, seu Vicente.

SEU VICENTE: Vai, menino, e não demora. Dê dois gritos se você ficar preso em alguma coisa.

AKIN ENTRA E TRAZ O CACHORRO DE VOLTA.

SEU VICENTE E AKIN TENTAM VOLTAR PRA CASA E SÃO SURPREENDIDOS.

VIZINHO 3: Omi naa dide, na gba ohun gbogbo ti moni. *(A água subiu, está levando tudo que tenho.)*

AKIN: O que ele está falando, seu Vicente?

SEU VICENTE: Não sei, não entendo essa língua. Mas sei que omi é água. É IORUBÁ!

VIZINHO 4: Tout machandiz mwen yo... mouye. *(Toda a minha mercadoria... molhada.)*

VIZINHO 3: Um mi pelurê, emi ko ni nkan miran. *(Me leva com vocês, eu não tenho mais nada!)*

VIZINHO 4: Kisa mwen pral vann lè lapli a passe? *(O que eu vou vender quando a chuva passar?)*

OS VIZINHOS SEGURAM FIRME NO BRAÇO DE AKIN. AKIN OLHA COMO QUEM NÃO ENTENDE. MAS, COM GESTOS, CARREGA OS HOMENS CONSIGO PARA SUA CASA.

AKIN: Se a água subir, o que que eu vou pegar primeiro? Tudo aqui é tão pouquinho. *(Impaciente.)* O ilê, alguém viu o ilê? Sem o ilê o dia não passa, minha mãe não vive sem o ilê. Já sei, já sei, vai caber tudo em cima da cama. E, se tudo molhar, o que eu vou falar pra minha mãe?

RÁDIO: Alô, São Paulo, Terra da Garoa que cai, cai e corta a pele daqueles que... CHIIIIIIIIIIIIII... *(O rádio começar a chiar.)*

AKIN ABRE A PORTA E SÓ SE VÊ LAMA E A ÁGUA. DOIS TELHADOS CAEM. ELE E SEU VICENTE Esvaziam os recipientes e os vizinho 3 e 4 os imitam, ajudando também.

BARRACÃO DE COSTURA - BRÁS

MARIA AÍDA: Daqui de dentro, a gente não consegue ver nada. Se faz sol, se faz chuva. Eles deviam arrumar um barracão melhor pra gente trabalhar, né não, Rosa?

ROSA: E vai fazer alguma diferença? A gente chega com o sol nascendo e vai embora com ele coberto pela noite.

MARIA AÍDA: Nossa, mas você tá difícil hoje, hein, Rosa...

ROSA: Não tem a ver com você, Maria... Só estou cansada!

ROSA LEVANTA E AUMENTA O VOLUME DO RÁDIO, QUE ESTÁ NO CANTINHO DE UMA MESA.

PATRÃO: Que converseiro é esse? Não esquece do trabalho. Pode conversar, mas o trabalho tem que andar. Tenho que entregar essas peças ainda hoje.

MARIA AÍDA, COM MEDO, ACELERA A COSTURA E FICA EM SILÊNCIO.

*ROSA COSTURA OUVINDO A CANÇÃO E FANTASIA A MÚSICA QUE ESTÁ TOCANDO NO RÁDIO.
O PATRÃO CAMINHA ATÉ O RÁDIO E ABAIXA O SEU VOLUME.*

PATRÃO: Para não atrapalhar o rendimento.

MARIA E ROSA. MARIAS E ROSAS COSTURAM E COSTURAM A ESPERANÇA DE UM TRABALHO MELHOR, DIGNO E HUMANO. COSTURAM E COSTURAM O MEDO DE NÃO ENCONTRAR UM TRABALHO MELHOR. MOVIMENTOS, LINHAS E IMAGENS. A FIGURA TECIDA SÃO ROSTOS CANSADOS DE UMA LABUTA DE SECULAR!

CASA

SEU VICENTE PEGA UMA SACOLA E COMEÇA A RECOLHER OS PEDAÇOS DE TELHA.

SEU VICENTE: Pra ninguém se cortar.

TODA A VIZINHANÇA COMEÇA A GRITAR DE DESESPERO. A ÁGUA AINDA NÃO SUBIU NO TOPO DO MORRO. OS VIZINHOS CHORAM POR SEUS PERTENCES, PEDEM POR ALOJAMENTO, E AKIN ACOLHE O TANTO DE PESSOAS QUE DÁ NO SEU ESPAÇO.

AKIN: Não sei o que vai ser se a água subir, mas, enquanto ela não sobe, entrem, entrem. Minha mãe me disse que, toda vez que eu sentisse medo, era pra eu ligar o ilê, que logo, logo passava. Mas o ilê começou a chiar e nunca mais voltou.

SEU VICENTE: Akin, vem cá... Você sabia que os dois vizinhos que você trouxe, um fala a língua crioula e o outro a língua iorubá? Temos uma África aqui dentro de casa.

AKIN: O que é África, seu Vicente?

SEU VICENTE: É um lugar onde toda a sua família que já morreu morou. A minha também morou lá. A desses dois homens... a família de quase todo o Brasil morou lá.

AKIN: *(Entusiasmado.)* Ahhhh, seu Vicente, então todo mundo é África.

SEU VICENTE SORRI EM RESPOSTA.

AS GOTEIRAS VÃO CESSANDO E A CHUVA ACALMANDO. TODOS SAEM PRA RUA E, NA DECIDA DO MORRO, SÓ SE VÊ LAMA E LAMA.

VIZINHO 1: A chuva só deixou tristeza. Se antes estava ruim, agora é: Miséria e lama.
Miséria e lama.

VIZINHO 2: *(Segurando o cachorro, trocando de um braço pro outro.)* Não sei o que seria de mim se a chuva me tirasse você, companheiro.

VIZINHO 3: Mo sese de Brasil, emi ko le gbagbo pe eyi n sele. *(Acabei de chegar no Brasil, não acredito que isso está acontecendo.)*

VIZINHO 4: Mwen pral monte we ki sa mwen ka sove.

(Vou subir e ver o que dá pra salvar.)

AKIN: *(Olhando para o teto.)* Agora vai ficar mais fácil pra eu ver o pudim de chocolate voando no céu.

SEU VICENTE: Cair o teto da casa de quem já vive uma vida destelhada. Não sei se tem dor maior. Todo dia uma provação. Viver no morro tem suas alegrias, mas os desalentos são bem maiores. *(Grita pra todos.)* Olha, vocês podem ficar no meu barraco o tempo que quiserem! A comunidade é feita de coletividade. Não se anda sozinho. Agora vamos cuidar de limpar o que a gente dá conta.

BARRACÃO DE COSTURA - BRÁS

MARIA AÍDA: Benza Deus! Por hoje é só! Achei que não ia acabar.

MARIA PREPARA SUAS COISAS PARA IR EMBORA.

PATRÃO: Muito bem, meninas, agora vão, descansem bem, que amanhã o serviço será maior que o de hoje.

ROSA: Você vai pro ponto de ônibus, Maria?

MARIA AÍDA: Vou.

ROSA: Então espera um tiquinho, que vou junto com você.

AMBAS SAEM DO BARRACÃO E CAMINHAM EM DIREÇÃO AO PONTO DE ÔNIBUS.

ROSA: Ah, não. Isso não tá certo não, Maria. O tanto que trabalhamos hoje e amanhã vai ser pior. Tá doido, a gente tem que sair dessa!

MARIA AÍDA: Mas eu não sei fazer nada além de costurar. Não tenho escolha, Rosa. Não tenho escolha!

ROSA: Tem, sim. Há de ter um lugar mais digno. Dez horas de trabalho... Isso não é vida.

MARIA AÍDA AVISTA SEU ÔNIBUS E ACENA PARA ELE PARAR.

MARIA AÍDA: Bom descanso, Rosa.

ROSA: *(Resmungando.)* Descanso, descanso...

MOTORISTA 2: Ê, hora sagrada, hein, dona Maria? Ir embora, descansar.

MARIA AÍDA: Ê, descansar eu não vou. Mas só de ir embora, ver meu filho e poder deitar no meu cantinho... Ê, é sagrado.

MOTORISTA 2: Isso é verdade, dona Maria. Nem que seja

pra ficar em casa só um tiquinho já vale. Já renova.

*MARIA SENTA-SE NA JANELA DO ÔNIBUS E OBSERVA A NOITE
CAIR EM DESALENTO E CANSAÇO.*

MOTORISTA 2: Passageiros, infelizmente não vou conseguir prosseguir viagem. A quadra de cima sofreu um alagamento.

*MARIA SAI CORRENDO DO ÔNIBUS EM DESESPERO. CORRE E
CHORA. CORRE E CHORA!*

CAMINHADAS DE MARIAS.

MARIA AÍDA: Meu filho. Meu Deus, meu Deus!

ELA TENTA ATRAVESSAR E SEUS PÉS AFUNDAM NA LAMA.

(Gritando.) O que aconteceu aqui?

*CHEGA ATÉ A ESQUINA, QUE DÁ PRA CASA DE JOANA, E SÓ VÊ
ÁGUA E LAMA.*

MARIA AÍDA: Ninguém pra falar comigo? Que horror!
Minha Nossa Senhora, a casa da Joana foi destruída.

*A RUA ESTÁ INTEIRA SEM LUZ. MARIA SOBE O MORRO E EM
SEUS PASSOS TEM MUITO DESESPERO.*

MARIA AÍDA: Santa Efigênia, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, nos dê livramento, nos dê livramento! Livrai-nos da lama, com a miséria eu até posso... Mas é que... Minha Nossa Senhora...

Eu ia sair daqui, na hora certa eu ia sair. Agora, como? Ogunhê, meu pai, prepara meu peito pra batalha, sozinha não vou dar conta. A vida é tudo e em segundos depois é um nada. Na costura, eu ainda sei fazer e desfazer... virar outra coisa. Mas viver... viver é outra história.

MARIA AÍDA CHEGA ATÉ O PORTÃO DE SUA CASA E A VÊ INTEIRA. ABRE A PORTA EM DESESPERO E VÊ SEU VICENTE.

MARIA AÍDA: Cadê Akin, seu Vicente? Cadê Akin? Cadê?

SEU VICENTE: Calma, calma, Maria Aída.

MARIA AÍDA: Cadê?

SEU VICENTE

Ele só foi no banheiro. Juro que tentei fazer o melhor que pude, Maria...

AKIN SAI DO BANHEIRO E MARIA O ABRAÇA FORTEMENTE.

MARIA AÍDA: Não sei o que faria se tivesse acontecido algo com você.

AKIN: Eu tentei, mamãe, mas é que tudo foi tão vupt. Eu não queria dar esse desgosto pra senhora, eu tentei salvar o ilê... mas, assim que começou a chover, ilê começou a fazer um barulho... CHIIII... e pift! Parou. Mãe, será que o ilê tava com medo e começou a chorar? Eu devia ter cuidado do ilê.

MARIA AÍDA: Depois eu cuido do ilê. Ele vai ficar bem, meu filho. A enchente levou alguém? Isso que é importante, todo mundo vivo! Agora a luta é levantar a casa daqueles que tiveram suas casas levadas. Vamos comer enquanto a ajuda não chega. Dormir como dá. Ter esperança no tanto que o coração dá.

MARIA OLHA AO REDOR E TUDO ESTÁ SUJO, BAGUNÇADO, CHEIO DE GENTE. SEUS OLHOS ESMORECEM POR ALGUNS SEGUNDOS, MAS LOGO RETOMAM A CORAGEM.

MARIA AÍDA: Agora vamos preparar alguma comida, porque sacola vazia o vento leva.

MARIA PEGA TODAS AS SOBRAS DE COMIDA E PREPARA A REFEIÇÃO, TODOS SE ALIMENTAM E ADORMECEM.

O

Relógio

Gira

Os

Seus ponteiros

E passam-se

Seis horas.

MARIA SE LEVANTA, SE ARRUMA E SAI PARA O TRABALHO. TODO O TRAJETO É MAIS LENTO QUE O HABITUAL. ELA PEGA O ÔNIBUS COM UM MOTORISTA DESCONHECIDO, AFINAL, MARIA AÍDA É DAQUELAS MULHERES QUE, EM 10 ANOS DE TRABALHO, NUNCA CHEGOU ATRASADA. ELA CHEGA NO BARRACÃO E, ANTES MESMO DE SE SENTAR, SEU PATRÃO A ABORDA.

BARRACÃO DE COSTURA - BRÁS

PATRÃO: Achei que você não viria hoje. *(Olha para o relógio.)*
Cada minuto perdido é uma encomenda adiada.

MARIA AÍDA: O senhor não acompanhou o noticiário, não?
A água levou tudo... Por pouco levou minha casa. Foi por sorte, seu...

PATRÃO: *(Interrompe com sarcasmo.)* Alguém morreu?

MARIA AÍDA: *(Desestabilizada.)* É que o senhor sabe, né, seu Augusto. A gente demora tanto pra ter nossas coisinhas e perder tudo assim... é quase uma morte.

PATRÃO: Entendi, agora vamos adiantando as coisas, que temos muito trabalho pela frente. *(Sai da sala.)*

ROSA OBSERVA A CONVERSA NA ESPREITA, INDIGNADA COM A POSTURA DO PATRÃO.

ROSA: É sobre isso que te falei ontem, Maria... Não tem como. O homem não tem compaixão! Eu vou tirar a gente desse lugar. Eu vou!

MARIA AÍDA: Meus olhos e ouvidos já se acostumaram.

O que as águas da enchente poderiam me mostrar, além do que eu já tinha visto?

ROSA: Confia, Maria! Não é hora de chorar as águas derramadas, e sim de celebrar as que estão por vir. Ontem a água levou, mas amanhã ela trará algo melhor. Confia, confia.

MARIA AJEITA OS TECIDOS E COMEÇA SEU DIA DE COSTURA.

CASA

SEU VICENTE É O PRIMEIRO A DESPERTAR, LEVANTA E COA UM CAFÉ.

SEU VICENTE: O café acorda a cidade ou a cidade que acorda o café?

VIZINHO 1: *(Despertando.)* Olha, não sei, mas é no café que a gente vê a fé de um dia melhor.

TODOS OS ALOJADOS NA CASA VÃO DESPERTANDO E, ENTRE UM COPO E OUTRO DE CAFÉ, VÃO SE AJEITANDO PARA A LIMPEZA DA RUA. O RECOLHE É GRANDE, MUITA LAMA E SACO PRETO DE SANITO POR TODA A PARTE. A RUA VIRA UMA ESPÉCIE DE LIXÃO. SÃO MUITOS E MUITOS SACOS PRETOS.

SEU VICENTE: *(Olha ao redor.)* Vocês já ouviram o grito de um porco indo para o abate? Lama e grito. Lama e grito. Agonizante! E depois ele é picado e, depois de picado, separado. Às vezes, vai inteiro mesmo. Depois assado e, depois de assado, enfeitado com uma maçã no centro daquela boca que gritou e gritou para viver. Depois de enfeitado com a mais bela maçã, ele é servido, e depois de servido... Hummm... Hummmm. Todos satisfeitos... Hummm... Hummmm. Todos plenamente e preguiçosamente satisfeitos. E não adianta correr, porque a corda que laça o porco é bem maior.

OS LIXOS SÃO RETIRADOS E A RUA Esvaziada.

CASA

MARIA AÍDA CHEGA DO TRABALHO.

MARIA AÍDA: Akin, meu filho... Akin...

AKIN: Tô aqui, mamãe, treinando uma canção que seu Vicente me ensinou.

MARIA AÍDA: Anos e anos naquele barracão e nada de diferente, a não ser o trabalho que só aumentava. Mas hoje... hoje a coisa pegou. Sabe minha amiga Rosa? Adoeceu. A tristeza pesou os olhos e a cabeça. Rosa sonhava com um trabalho melhor, com uma vida melhor. Ela andava com uns papos de revolucionar a costura. Ela até que chegou bem hoje de manhã, mas no final do trabalho não aguentou. Saiu chorando e gritando com seu Augusto. E seu Augusto, sabe como é. É... essa coisa de fantasiar demais adoece o coração, leva a alma. Foi isso que aconteceu com Rosa. Que Deus lhe cuide e lhe guarde.

AKIN: É, dona Maria Aída, essas coisas de querer mudar as coisas e não conseguir... Adoece mesmo.

MARIA AÍDA: Mas e aí? Me mostra o que você tá aprendendo.

AKIN COMEÇA A DEDILHAR A CANÇÃO.

CANÇÃO

Aqui começa nossa fé.

Oyá, Oyá, Oyá.

São Benedito vai entrar. Santa Efigênia vai entrar.

Eôioiá, Eôioiá.

Oyá, Oyá, Oyá.

Nossa Senhora do Rosário também vai entrar... ah ah ah.

Eôioiá, Eôioiá.

Foi mãe Oyá quem mandou chamar.

Foi mãe Oyá quem mandou chamar.

Eôioiá, Eôioiá.

Oyá, Oyá, Oyá.

Mãe Oyá, rogai por nós!!

MARIA AÍDA: *(Emocionada.)* Meu filho tem alma de artista mesmo!

*OS DOIS SE AJEITAM PARA MAIS UMA NOITE, MAIS UM COTIDIANO.
OS PONTEIROS DO RELÓGIO CORREM E CORREM... O GALO
CANTOU DEPOIS DE MARIA ACORDADA. E ASSIM A VIDA SEGUE
SEU COTIDIANO.*

MARIA MARIA MARIA
 TRAJETO
 TRAVESSIA CANSAÇO
 ÔNIBUS JANELA MARIA
MOTORISTA BARRACÃO CANSAÇO
 CANSAÇO CASA
 CASA MARIA
 ÔNIBUS
 CANSAÇO BARRACÃO MOTORIST
 CASA
 CASA CANSAÇO BARRACÃO
MOTORISTA JANELA TRAJETO ÔNIBUS
TRAJETO TRAVESSIA CANSAÇO
 MARIA ÔNIBUS JANELA MARIA

CASA

SEU VICENTE: *(Bate na porta.)* Menino Akin, menino Akin!

AKIN: Isso lá são horas, seu Vicente?

O senhor não perde essa mania mesmo...

SEU VICENTE: *(Sorri.)* E olha que já não é tão cedo assim... O galo já cantou faz é tempo.

AKIN: É, mas os galos não têm horário pra cantar. Eles cantam em qualquer hora do dia. Não confie, não confie, seu Vicente!

SEU VICENTE: Ê, menino... ê, menino! *(Segurando um embrulho.)* Trouxe um presente pra você.

AKIN: *(Abre o embrulho.)* UAAAAU! Pudim de chocolate! Eu vou comer bem devagarinho pra poder durar um tempão. Seu Vicente, o senhor é como um pai pra mim. Quando eu crescer, eu quero contar um montão de história, igualzinho você conta pra mim, e também quero tocar, tocar igualzinho o senhor toca pra mim. Espera só um pouquinho, seu Vicente, que eu vou pegar uma colher pra gente comer o pudim mais delicioso do mundo. Será que ele tem gosto de nuvem, seu Vicente?

AKIN VAI PEGAR A COLHER E, QUANDO VOLTA, SEU VICENTE ESTÁ COM OS OLHOS FECHADOS, COMO QUEM DORME EM SONO PROFUNDO. A MORTE ABRAÇOU SEU VICENTE, QUE AGORA DESCANSA NO ETERNO.

CANÇÃO

Com licença, mininá.

Com licença, mininá.

Que o vento vem chegando. Com más notícias pra te dar.

OUBE-SE O SOM DE SINOS BADALANDO E BADALANDO.

O SINO BADALA. VIZINHOS, PARENTES, GENTE VINDA DE TODAS AS BORDAS FORMA GRUPOS DE CONVERSA. DEVAGAR,

CONVERSA VEM, CONVERSA VAI. E O CANTO SAI, ENTOA NO FUNDO DA TERRA E VOLTA. ENTOA RASGANDO A PELE, ROUPA EMARREPIO. ENTOA CANTO, ENTOA CANTO. SEU VICENTE ESTÁ DEITADO, UM TECIDO COBRE SUAS PERNAS, A APARÊNCIA É DE QUEM DORME. FOI-SE O ÚLTIMO VISSUNGUEIRO VINDO DE DIAMANTINA.

CORO DE VOZES: A linha que tece seu Vicente é Costa da Mina, é Rio de Janeiro, é São Paulo. É Minas Gerais, é Brasil! As linhas que tecem seu Vicente é sino sem som, são vozes ao encontro do seu movimento. São vozes mantendo vivo seu movimento. Badala, badala sino, que hoje a terra irá recebê-lo.

TODA AQUELA GENTE CARREGA SEU VICENTE EM DIREÇÃO, SEM DIREÇÃO. ALGUNS CARREGAM UMA PONTA, OUTROS CARREGAM A OUTRA E O COBREM POR INTEIRO COM UM TECIDO BORDADO. TODOS SAEM DE CENA E O QUE FICA SÃO VOZES, VOZES QUE CONTINUAM ENTOANDO O CANTO. MARIA AÍDA SENTA-SE NA CADEIRA E BORDA UM TECIDO. ENQUANTO BORDA, OBSERVA OS SONS DOS SINOS QUE TOCAM REPETIDAS VEZES.

MARIA AÍDA: O sino badala em silêncio e o que emerge é só movimento, lamento, de dentro do sino. O som talvez não chegue hoje, o som vem de longe.

O som está atravessando o Atlântico, águas - travessia - passado.

Cabem tantos sons. Talvez a melodia que envolve o sino demore anos e anos para chegar ao encontro do seu movimento. Badala, badala, sino.

O coro de vozes vai lhe acompanhar. Badala, badala, sino. Estes mundos-vozes que estão em movimentação precisam ser entoados.

FIM

DAIANY PONTES

É estudante de Letras e atriz com formação em Técnico em Arte Dramática pela Escola Livre de Teatro de Santo André. Realizou cursos livres e oficinas de escrita para a cena e o audiovisual. Em 2019 teve seu primeiro texto encenado, “Os Sons que os Sinos não Entoam”, no evento Dramaturgias realizado pelo Sesc Ipiranga. Atuou como roteirista aprendiz na Smart Cine, orientada pelo diretor Alexandre Klempner. Em 2022 foi vencedora do 1º concurso de Dramaturgia do Conservatório de Tatuí com o texto “Alexa” e do Prêmio Solano Trindade com o texto “Cantata Descontínua das águas pluviais”.



**TÁ FALTANDO
IEMANJÁ!**



por
LU VARELLO

A PEÇA SE PASSA NA FICTÍCIA CIDADE PRAIEIRA DE JURU, COM POUCAS LOJAS DE ARTIGOS RELIGIOSOS DE RUA E O GRANDE MERCADÃO DE MADU ONDE SE ENCONTRA TUDO; FÁBRICA DE FERNANDO, CASA DE AKIN, FÁBRICA DE GILBERTO, CENTRO DA MÃE DE SANTO TERESINHA, CENTRO DA MÃE GIRASSOL, PRAÇA IEMANJÁ ETC. AS PERSONAGENS FALAM EM SOTAQUES DIVERSOS: BAIANO, MINEIRO, GAÚCHO, CARIOCA, PAULISTANO, SERGIPANO, ETC.

PRÓLOGO

Nas lojas de produtos religiosos de candomblé e umbanda, vendem-se estátuas de lemanjás brancas. Uma tradição que não se sabe como se iniciou ao certo. Um dos fabricantes de imagens da cidade de Juru, seu Gilberto, ou Beto para alguns, teve um sonho comigo, eu, a rainha do mar. No sonho, eu dizia para ele que queria voltar a ser preta de novo, pois estava zangada, cansada e triste de me ver como uma mulher branca, já que sou africana e preta! Disse mais. Caso ele não me obedecesse, ele iria à falência.

Gilberto acordou assustado com as minhas palavras e, logo que amanheceu, resolveu mudar as diretrizes da fabricação das imagens em sua fábrica. Ordenou que as pintassem de preta e que tivessem black power. E ele só fez isso porque era ateu, filho de portugueses, gostava de dindin e não queria “contrariar a orixá aqui”.

Um funcionário da fábrica estranhou e perguntou ao chefe o que tinha acontecido para que ele mudasse. Gilberto contou o sonho e não demorou muito para a história se espalhar pelos fabricantes e vendedores de Juru.

O disse me disse, a fofoca, ficou tão famosa que os outros fabricantes ficaram preocupados, pois conheciam o seu Gilberto, um homem ateu e admirador do dinheiro. Eles resolveram mudar também. Em uma semana, as estátuas

de Gilberto já estavam no Mercado de Madureira, o maior em produtos e artigos religiosos de Juru.

A chegada dessas imagens nas lojas, tanto dentro do mercado como fora, não teve muito estranhamento entre os vendedores, já que a história

já estava na boca de fabricantes e vendedores, mas os clientes, sim, esses tiveram uma surpresa e tanto.

Houve clientes brancos praticantes das religiões de matriz africana que, quando se deparavam com minha nova imagem, em pensamento diziam e eu ouvia: “Tá faltando Iemanjá!”. Os clientes pretos olhavam desconfiados, mas logo balançavam a cabeça com um ok, sincero e feliz.

Fui imperativa, pois eu não me sentia representada, e branco sempre lucra com a gente e nós nunca vemos a cor do dinheiro. Ahh! Há sempre aquele que destoa dessa grande mudança que eu causei. O único fabricante negro, Fernando, que resolveu não aderir às vozes dos demais e manteve a minha imagem branca e de cabelo liso (cacheado).

Essa renúncia de Fernando, em não querer aderir a essa nova Iemanjá PRETA, foi motivo de apreensão e preocupação de seus funcionários pretos, evangélicos convertidos e pouquíssimos macumbeiros. Forçando-os a criarem estratégias para não perderem seus empregos.

PERSONAGENS

Todos são pretos, exceto: alguns clientes, o vendedor Carlinhos e o delegado.

FERNANDO: o dono e fabricante de lemanjá branca. Gilberto: o fabricante que teve o sonho com lemanjá. Janaína: secretária e ex-namorada de Fernando na fábrica.

AKIN: funcionário da fábrica de Fernando e candomblecista.

GUILHERME: um dos funcionários, que se converteu e entrou para a igreja evangélica por não ter mais dinheiro para custear sua antiga religião, o candomblé.

DONA GUILHERMINA: uma jovem e recente senhora evangélica. Fora criada dentro do terreiro de candomblé, mas também desistiu por não ter mais como custear.

SEU LELECO: funcionário da fábrica de Fernando. Marli: jovem funcionária praticante de umbanda.

JOSIVALDO: funcionário da fábrica de Fernando. Luís Carlos: funcionário da fábrica e umbandista.

ANTÔNIO: segurança da fábrica.

VENDEDOR CARLINHOS.

VENDEDOR ALBUQUERQUE.

DONA GUINÉ: vendedora de acarajé na pracinha de lemanjá.

MÃE TERESINHA: mãe de santo de Akin.

LUZ CARMEM: mãe de Janaína.

MÃE GIRASSOL: mãe de Fernando e mãe de santo.

DELEGADO.

PASTOR CREONTES: pastor da igreja de Guilherme.

CLIENTE MULHER BRANCA.

CLIENTE HOMEM BRANCO.

Mãe e filha fazem pequena participação especial na abertura e no fechamento da peça

ABERTURA DA PEÇA

A cena começa com a filha entregando o texto da peça "Tá Faltando lemanjá!" para a mãe ler. Elas estão na sala de casa, uma sala simples e bonita.

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

LOJA DE ARTIGOS RELIGIOSOS

CLIENTE MULHER BRANCA: Bom dia, moço. Eu estou procurando a estátua de lemanjá. Você tem?

VENDEDOR: Tenho, sim. *(O vendedor a leva para as prateleiras.)* Tenho essas aqui que acabaram de chegar. Qual a senhora deseja?

Cliente mulher branca leva um susto silencioso com a cor preta de lemanjá e, em pensamento, que a plateia escuta, diz: "Humm, tá faltando lemanjá!"

CLIENTE MULHER BRANCA: Tem mais outras opções?

VENDEDOR: Não. Talvez chegue, mas por ora só estamos com estas.

CLIENTE MULHER BRANCA: *(fingindo interesse)* Ok. Quanto custa essa de 1 metro?

VENDEDOR: R\$250,00.

CLIENTE MULHER BRANCA: Deixa eu ver minha carteira. Acho que não vai dar pra eu levar hoje.

Vendedor insiste na compra.

VENDEDOR: Mas pode pagar parcelado, em 10 vezes sem juros, senhora.

CLIENTE MULHER BRANCA: É que estou sem meu cartão aqui. Vou deixar pra próxima. Muito obrigada e bom dia.

Cliente mulher branca sai da loja e, em pensamento, que a plateia escuta, diz: "Será que terá a antiga na outra loja?".

SEGUNDO QUADRO

FÁBRICA DE FERNANDO

AKIN: Seu Fernando! Cê precisa mudar a cor de lemanjá. Tá todo mundo falando!

FERNANDO: Quem tá falando? Falando o quê?! Eu, hein! A fábrica é minha e a lemanjá vai ser da cor que eu quiser!

AKIN: Tá bom. Depois não diga que eu não avisei.

Janaína tem um pouco de intimidade com Fernando, eles namoraram quando eram adolescentes, mas Janaína terminou porque não gostava mais de Fernando, e até hoje eles se tratam de Nando e de Nana.

SALA DE FERNANDO

Janaína volta a falar do assunto que Akin falou com Fernando.

JANAÍNA: Nando, presta atenção! Não tem o seu Gilberto, o fabricante aqui de Juru? Então, ele parou de fabricar as lemanjás brancas porque ele teve um sonho com a mãe lemanjá. Ela disse no sonho dele que estava zangada e cansada por ser retratada da forma errada e explicou que ela veio do continente africano e era preta! E que, se ele não fabricasse as lemanjás pretas, ele iria à falência.

FERNANDO: Mas o que eu tenho a ver com isso?! Eu gosto da lemanjá branca. Olha como ela combina comigo. *(Fernando zomba e pega uma imagem que está na sala e cola no rosto).*

JANAÍNA: Você não percebeu que as vendas deram uma caída?

FERNANDO: Isso é bobagem, história da carochinha. le-

manjá gosta de mim, mesmo sabendo que hoje eu sou católico apostólico romano.

JANAÍNA: Tudo bem. Vou voltar para as minhas planilhas, mas depois não diga que não avisei.

LOJA DE ARTIGOS RELIGIOSOS

Fernando resolve dar uma passada em algumas lojas na cidade para sondar as vendas com os vendedores e encontra o Carlinhos, vendedor do Mercado.

CARLINHOS: Fala, Fernandão, quanto tempo que não aparece por essas bandas?

FERNANDO: É verdade. Eu tava ocupado demais na fábrica. Carlinhos, me diga uma coisa: quais as imagens da fábrica que você está vendendo mais?

CARLINHOS: Sinceridade? Eu tô vendendo mais de Santo Expedito.

FERNANDO: E as Iemanjás?

CARLINHOS: Então, Fernando... As suas imagens de Iemanjá estão encalhadas há algum tempo.

FERNANDO: Mas como?!

CARLINHOS: É... isso, Fernando. *(Fernando se despede e vai embora.)*

Akin em casa

Akin chega em seu conjugado, num bairro que fica perto da fábrica. Ele começa a se questionar.

AKIN: Como é que a lemanjá se tornou branca? Por que eu tenho que fabricar uma lemanjá branca? E como a minha mãe de santo conseguiu uma lemanjá preta? Ela pintou? Nos centros que eu frequentava, só tinha lemanjá branca. Só hoje, na casa de mãe Teresinha, é que eu vi uma lemanjá preta. Ora... Deixa eu fazer minha comida!

TERCEIRO QUADRO

VENDAS FRACAS DE IEMANJÁS BRANCAS

Passam-se alguns meses e as vendas das lemanjás brancas ficam cada vez mais difíceis de acontecer. A pulga atrás da orelha começa a coçar em Fernando. Fernando vai à procura de Gilberto.

FERNANDO: Oi, Gilberto, como você tá? Como tá as suas vendas das imagens de lemanjá?

GILBERTO: Tão de vento e popa! Por quê?

FERNANDO: Como você sabe, eu continuei fabricando a

imagem de lemanjá branca e...

GILBERTO: Vixiii! Não acredito! Ôh, Fernando, você não soube do sonho que eu tive? Eu sonhei com lemanjá e ela me disse que queria que pintasse ela de preto. Depois tive um outro sonho e ela me contou que essa mania, sei lá, de pintar a lemanjá de branca começou na umbanda. Porque uma senhora, lá nos anos 50, disse que ela era tipo uma cabocla, uma índia, mas com o passar dos anos ela ficou branca. E ainda disse mais: “Como posso ser branca se sou PRETA?!”. Ela me ameaçou, quero dizer... Ela me deu um conselho e disse que, se eu não fizesse, eu iria falir!

FERNANDO: Você realmente acreditou nisso? Não achou estranho, depois de todos esses anos, ela aparecer no seu sonho? Do nada aparecer assim... de repente... e pedir pra voltar a ser preta?!

GILBERTO: Fernando, você sabe que sou ateu e que gosto de dindin. Resolvi não contrariar a orixá, a mãe poderosa, mesmo sendo ateu, porque eu gosto é de dindin! Acho que você deveria fazer o mesmo, Fernando.

FERNANDO: Deus está comigo, as vendas baixaram, mas eu hei de me reerguer. Não se preocupe. *(Gilberto olha para ele com cara de dúvida, como se dissesse: “Se você acha isso, ok! Problema seu”).*

Fernando fala consigo depois de visitar seu Gilberto.

FERNANDO: Eu não tô entendendo mais nada. Como pode a Iemanjá querer ser preta? Que loucura! Será que é castigo? Será que devo falar com minha mãe?

FÁBRICA DE FERNANDO

Fernando entra na fábrica de cabeça baixa, pensando em como reverter a situação. Os funcionários, ao verem Fernando passar, falam em seus pensamentos, que a plateia escuta.

AKIN: Mas quando será que ele irá mudar? Não vê que tá perdendo dinheiro?

DONA GUILHERMINA: Oora! Esse menino perdeu o juízo! A gente tá fazendo, fazendo e não tá vendendo Iemanjá!

LUÍS CARLOS: Eu não quero ficar sem trabalho. Já foi muito difícil conseguir esse, depois de tanto tempo sem trabalho. Seu Leleco: Não entendo o que o Fernando tá fazendo...

MARLI: Ainda bem que eu tenho lugar na fábrica de doces de Mariana.

JOSIVALDO: Tô doido pra beber uma gelada!

Janaína vai atrás de Akin e tenta convencê-lo de participar de

um plano que ela está bolando pra mudar a cor de lemanjá, sem que Fernando saiba.

JANAÍNA: Akin, eu estou vendo pelas planilhas e há uma queda muito grande nas vendas das imagens de lemanjá.

AKIN: Sim! E Fernando continua a querer fabricar.

JANAÍNA: Eu sei. Eu tô pensando em alguma maneira pra mudar isso.

AKIN: Tem alguma ideia?

JANAÍNA: Tenho, mas acho que é muito radical.

AKIN: Como assim?

JANAÍNA: Eu tava pensando em fabricar a lemanjá preta, sem que o Nando saiba.

AKIN: Mas como? Você não acha que é perigoso e que ele vai descobrir na primeira volta que der na fábrica?

JANAÍNA: Então, você é uma das lideranças nas fabricações das imagens, conhece os processos de produção, tá por dentro de tudo, certo?

AKIN: Sim...

JANAÍNA: Não tem as imagens das Iemanjás brancas? Vocês poderiam fingir que estão fabricando. Substituir e, quando o Nando passasse pela fábrica, nem iria perceber. Você poderia conversar com os outros funcionários pra ver se eles entram nessa ideia maluca? Até porque eles vão conseguir manter o emprego deles, o meu e o seu.

AKIN: Deixa eu ver aqui. Você quer enganar o Fernando dentro da própria fábrica dele? É isso mesmo? Você não acha isso uma loucura?

JANAÍNA: Não, ainda mais vendo e sabendo das finanças, as quedas são brutais. Até as outras imagens estão vendendo pouco!

AKIN: Não sei, não sei, se isso pode dar certo. Você sabe que poderemos ser demitidos ou até mesmo ser presos por descumprimento e fraude!

JANAÍNA: Foi o único jeito que vi para nos mantermos empregados. Porque o Nando é uma mula e não quer ouvir!

AKIN: Eu vou pensar. No final do dia, eu te dou a resposta.

JANAÍNA: Não demora. Estamos em uma direção sem volta e não há fundo do poço, só desemprego.

TERREIRO DE MÃE TERESINHA

A história do fabricante que sonhou com lemanjá se espalhou pela cidade de Juru e caiu nos ouvidos da mãe de santo de Akin.

MÃE DE SANTO TERESINHA: Akin, o povo tá falando do sonho de seu Gilberto, que ele sonhou com lemanjá dizendo que queria voltar a ser preta. É verdade?

AKIN: É, sim. Foi o seu Gilberto. Sonhou e começou a fabricar a imagem de lemanjá preta.

MÃE DE SANTO TERESINHA: Eu não entendi até agora a razão de esse homem fabricar lemanjá preta.

AKIN: É que, na verdade, ela disse que ele iria à falênica caso ele não a fabricasse preta.

MÃE DE SANTO TERESINHA: Nossa Senhora! Eu sabia que um dia isso iria acontecer! Eu vi nos búzios. Demorou, mas está acontecendo! Erù-lyá, Odó-lyá!

AKIN: A senhora viu nos búzios?

MÃE DE SANTO TERESINHA: Há um ano atrás, eu joguei os búzios para saber quais caminhos fazer em relação à festa de lemanjá, e os búzios me mostraram que iria haver uma grande mudança.

AKIN: Nossa! Essa é uma verdadeira grande mudança. A senhora não falou nada antes por quê?

MÃE DE SANTO TERESINHA: Preferi ficar em silêncio e deixar o barco correr, meu filho.

AKIN: Sabe, mãe... Eu não esperava que algo desse tipo pudesse acontecer. A Iemanjá voltar para sua cor de origem. Aliás, eu nunca entendi a razão de ela ser branca nos dias de hoje e não preta.

MÃE DE SANTO TERESINHA: Então, meu filho, quando eu era mais nova, começando os trabalhos no centro, eu também me perguntei a razão de a nossa mãe ser branca. Pesquisei e uma das respostas mais plausíveis que encontrei foi de que esse embranquecimento começou na umbanda por uma senhora que eu já esqueci o nome. Foi daí que a imagem se propagou pelo Brasil. Eu devo tá esquecendo de alguma coisa. Eu vou lembrar o nome do livro e depois lhe digo.

AKIN: Está bem, mãe. Eu também vou pesquisar. Só de a senhora ter me contado isso, já se abriu uma luz. Confortou o meu coração. Obrigada, minha mãe, eu vou indo.

Mãe de santo Teresinha acena e Akin vai embora.

CASA DE AKIN

Janaína aparece de surpresa na casa de Akin.

JANAÍNA: Akin!

AKIN: O que você está fazendo aqui?!

JANAÍNA: E aí, qual é a sua resposta? Não podemos esperar! E eu vim até aqui porque é hoje ou nunca que colocaremos o plano em prática!

AKIN: *(fica em silêncio por alguns segundos)* Tá bem, eu irei lhe ajudar. Mas com uma condição: qualquer problema que houver, se ele descobrir essa farsa, você é que vai assumir a culpa, certo?

JANAÍNA: Certo!

AKIN: Então segue seu rumo, que eu preciso dormir.

JANAÍNA: Boa noite e até amanhã.

FÁBRICA DE FERNANDO

Akin nem consegue dormir, pensando no jeito de ludibriar Fernando. Chega às 4h da manhã na fábrica, ele a observa, fica pensando no melhor jeito de o plano mirabolante de Janaína dar certo.

AKIN: *(surpreso)* Bom dia, Antônio, como você tá? Tudo certo?

ANTÔNIO: Tá tudo certo, sim, Akin.

Akin caminha em direção às Iemanjás brancas da fábrica, deixando-as num espaço estratégico para que Fernando pense que elas estão sendo fabricadas. Combina com os funcionários, eles aceitam. Tudo para manter seus empregos. No fundo, Akin gosta do que está fazendo. Ele sonhou com essa Iemanjá preta a vida toda!

JANAÍNA: Akin, tudo bem? Eu notei que você aceitou meu plano.

AKIN: Mas fique sabendo que, qualquer coisa que acontecer, você será a culpada, entendeu, Janaína?

JANAÍNA: Sim, foi o combinado. Mais tarde Fernando irá passar por aqui como de costume. Ele tá meio atarefado, indo nas lojas conversando, querendo saber sobre as vendas, por isso que ele deu um tempo de ver como tá a fabricação das imagens.

AKIN: Ok. Mas, quando ele chegar, liga pro meu celular.

SEGUNDO ATO

PRIMEIRO QUADRO

FALTANDO UM MÊS PARA A FESTA DE IEMANJÁ

O plano de Janaína de enganar Fernando dá certo. Durante seis meses, eles fabricam às escondidas.

FERNANDO: Oi, Albuquerque, como vão as vendas das imagens?

VENDEDOR ALBUQUERQUE: Poxa, Fernando, que bom que você nos enviou essas novas imagens, porque as imagens de lemanjá branca caíam da prateleira sem sequer alguém esbarrar. Coisa doida. E sei que teve muito cliente reclamando em silêncio, mas...

FERNANDO: *(assustado e silencioso)* E as vendas das lemanjás pretas estão indo bem?

ALBUQUERQUE: Fernando, as pessoas tão sem opções e estão comprando a preta mesmo. Tem umas filhas de santo que querem a branca, mas eu digo que não tenho. Teve uma que disse: "Que loucura! Daqui a pouco começam as comemorações de lemanjá e só tem essas pretinhas? Agora o que é que eu vou fazer?". Eu disse: "Compra a preta!". Ela ficou me olhando e acabou comprando, dizendo que não era racista. Eu não tinha falado nada!

FERNANDO: Tudo bem, Albuquerque. Eu vou indo. Brigado.

Fernando volta às pressas pra fábrica. Durante o caminho, ele tenta compreender como a fábrica dele estava fornecendo lemanjá preta enquanto que ele estava sempre inspecionando a fábrica e via sempre a lemanjá branca.

FÁBRICA DE FERNANDO

FERNANDO: *(chega em silêncio no segurança Antônio)* Antônio, me diz uma coisa. Tá tudo certo aqui na fábrica, ninguém estranho entrou aqui, não?!

ANTÔNIO: O senhor está me estranhando? Você sabe que eu sou um excelente profissional. E, se alguém tentar alguma coisa, eu meto bala! Que é por isso que o senhor me paga.

FERNANDO: E a Marli... Você viu algo de estranho? As tintas tão chegando nas datas previstas?

ANTÔNIO: Sim. Bem... E u tô vendo muito a Janaína aqui. Antes ela só vinha uma vez ao dia e agora ela aparece uma três vezes, conversando com Akin.

FERNANDO: *(sai ríspidamente)* Muito obrigado, Antônio.

Fernando nunca gostou muito de Akin. Ele acha que Janaína o largou para ficar com ele. Pior, que eles tinham um caso. Fernando vai para o escritório, chama Janaína pelo nome, ela estranha e começa o interrogatório.

FERNANDO: Janaína, como estão as vendas de lemanjá?

JANAÍNA: Você sabe que estão fracas, Nando. Você ainda continua com essa ideia de fazer lemanjá branca quando a concorrência já mudou.

FERNANDO: Você sabe que eu não creio nessas coisas.

JANAÍNA: Vamos discutir? É isso mesmo? Já sabe da minha opinião. Eu não sei o que aconteceu com você, Nando?! Você sempre estava no centro de sua mãe, participando... Fala pra mim: o que foi que aconteceu pra você desacreditar nos orixás?

FERNANDO: Como assim desacreditar?! Você não está falando coisa com coisa! Eu só desisti.

JANAÍNA: Desistiu por quê? Fala a verdade.

FERNANDO: Eu não sei por que eu tenho que te dar explicações. Nós não somos mais nada. Apenas patrão e empregada.

JANAÍNA: Tá certo, seu Fernando!

FERNANDO: Pode me passar os relatórios das vendas? Já era para estarem prontos, né?

JANAÍNA: *(apreensiva, mas direta)* Então, eu te entrego no fim do dia.

FERNANDO: *(duro)* Eu quero agora, Janaína!

JANAÍNA: Espera só mais um pouquinho, por favor. Na hora do almoço eu lhe entrego.

(Fernando sai da sala bufando).

Janaína se vê encurralada e evita ir até Akin para dizer o que está acontecendo. Ela sabe que Fernando está desconfiado. Começa a planejar um jeito de minimizar o problema que inventou.

JANAÍNA: *(em seus pensamentos)* Como posso fazer para mudar essa situação que inventei? Caraca! Eu que vou ficar sem emprego e presa!

Ela começa a ligar para as lojas onde vendem as santas, perguntando se Fernando deu uma passada por lá. Descobre que foi na loja de Albuquerque.

JANAÍNA: Bom dia, Albuquerque. Fernando esteve aí por esses dias?

ALBUQUERQUE: Sim, ele veio saber como estão as vendas.

JANAÍNA: E o que você disse?

ALBUQUERQUE: Eu disse que estavam boas e agradeci pelas lemanjás pretas.

JANAÍNA: *(engole seco)* Como assim, lemanjás pretas?

ALBUQUERQUE: Ué?! As que vocês enviaram.

JANAÍNA: Não enviamos nada. Nós ainda estamos fabricando lemanjás brancas.

ALBUQUERQUE: Mas, peraí, na caixa diz que são de vocês as imagens.

JANAÍNA: Não, Albuquerque, houve um engano. As fábricas Matheus tiveram um problema com transporte e eles pediram para dividirmos o transporte. Isso foi uma decisão de última hora e Fernando nem sabe ainda.

ALBUQUERQUE: Quer dizer então que eu me enganei, achando que as imagens eram da fábrica de Fernando?

JANAÍNA: Sim, mas não tem problema, não, isso será resolvido.

SEGUNDO QUADRO

LOJA DE ARTIGOS RELIGIOSOS

Passa-se uma semana; Fernando volta na loja de Albuquerque.

FERNANDO: Bom dia, Albuquerque, como vai indo?!

ALBUQUERQUE: Vou bem e você?

FERNANDO: Bem. Querendo saber das vendas das imagens.

ALBUQUERQUE: Fernando, queria lhe dizer algo há algum tempo. Lembra quando você esteve aqui querendo saber das vendas das imagens? Então, aquelas imagens não eram

da sua fábrica, e sim dos Matheus. Eu confundi as coisas.

FERNANDO: Como assim?

ALBUQUERQUE: Eu erreí, foi isso. Confundi as caixas.

FERNANDO: Então quer dizer que...

FÁBRICA DE FERNANDO

Fernando volta para a fábrica mais encucado e desconfiado. Começa a fazer um passeio lento por ela, fica observando todo mundo trabalhando, olha para Akin e chega perto de onde estão as lemanjás.

FERNANDO: *(grita)* Todo mundo! Para todo mundo! Preciso fazer uma pergunta! *(Todos olham assustados, principalmente Akin.)* Vocês estão satisfeitos com o trabalho de vocês? Eu estou achando que está acontecendo algo de estranho nessa fábrica.

DONA GUILHERMINA: Ôh, seu Fernando! Tá tudo nos conformes, mas por que a pergunta? Tamu vendendo pouco?

FERNANDO: Que isso!

DONA GUILHERMINA: É que eu ouvi umas histórias... De que a fábrica poderia fechar se não fizéssemos a lemanjá preta. Foi uma filha de santo que falou pra mim. E olha que eu sou evangélica, o senhor sabe?

FERNANDO: Sei, sei... Mas não esquenta, não. Até minha mãe que é mãe de santo já falou comigo, mas, como sou católico apostólico romano, não acredito nisso, não. *(Os funcionários arregalam os olhos.)* Não se preocupem.

Fernando sai e vai direto para a sua sala para falar com Janaína.

JANAÍNA: *(vai entregando o relatório)* Oi, Fernando. Aqui seu relatório. Como eu já tinha dito a você, precisamos mudar nossa estratégia de vendas. Olha aí, as vendas caíram muito.

FERNANDO: De novo com essa história?!

JANAÍNA: Sim. Você é muito teimoso! *(Intenção de falar outra coisa, mas silencia-se.)*

FERNANDO: *(pensativo)* Vou pensar.

Fernando abre a gaveta, pega uma foto e pensa quando se tornou ogã no centro da mãe com 12 anos; a plateia vê essa foto.

PRAÇA IEMANJÁ

Quitanda de dona Guiné. Ela vende acarajés.

DONA GUINÉ: *(gritando seu bordão)* Oh, meu povo! Venham comer acarajés. Eu não estou no terreiro, mas continuo sendo de AXÉ!

Akin andando pela praça depois do almoço.

AKIN: Ôh, dona Guiné, mas qual a razão de a senhora não estar indo mais no terreiro?

DONA GUINÉ: Ôh, Akin, tá muito caro! Não tô conseguindo fazer minhas obrigações, então eu pedi licença, mas, como eu disse, eu continuo sendo de AXÉ!

AKIN: Essa crise... Daqui a pouco a senhora volta.

DONA GUINÉ: Sabe que minha última aquisição foi aquela imagem linda de lemanjá preta? Meu sonho era ter uma preta! Custou os olhos da cara, mas consegui comprar.

AKIN: lemanjá vai abrir os seus caminhos!

DONA GUINÉ: Isso ela já faz há muito tempo (*Dona Guiné dá um sorriso.*) Akin, o Fernando ainda continua fazendo aquela imagem da lemanjá branca? Ele sabe que pode ser castigado, aliás, já deve estar.

AKIN: Ele sabe e tá vendendo pouco, mas é teimoso que nem uma mula, mas vou lhe contar um segredinho. Acho melhor não...

DONA GUINÉ: Conta, meu filho, conta! Akin: Depois a gente se fala, dona Guiné.

DONA GUINÉ: Assim seja.

Akin volta para a fábrica.

FÁBRICA DE FERNANDO

Guilherme volta das férias (licença)

GUILHERME: Bom dia, meu povo, como estão as coisas por aqui? *(Akin o cumprimenta.)*

AKIN: Oi, Guilherme, como foi o seu retiro?

GUILHERME: Poxa, Akin, na paz de Cristo. Me converti, ainda bem, e você sabe que o Fernando estava me devendo férias há três anos. Que bom que fiquei seis meses fora. Eu fiz um retiro, você sabe que me converti?

AKIN: Sei. Cê tá se entendendo com essa religião nova?

GUILHERME: Olha, Akin, cê sabe, né... *(Faz sinal de dinheiro com as mãos.)* O pastor Creontes é um bom homem e tá me ensinando. Ele disse que daqui a alguns meses eu posso ser pastor.

AKIN: É isso mesmo? Rápido, né?

GUILHERME: É isso mesmo, Akin. Olha, você sabe, né... *(Faz sinal de dinheiro com as mãos.)*

AKIN: Sei...

GUILHERME: *(muda de assunto)* Como estão as vendas, Akin? Fernando já está fabricando as lemanjás pretas?

AKIN: Não. Mas eu preciso ter um particular contigo depois do trabalho. Será que pode ir lá em casa?

GUILHERME: Olha, Akin, só não posso demorar muito. Tem culto hoje e eu vou ler o salmo de Isaías capítulo 41, versículo 10.

AKIN: Não vou demorar muito, não.

TERCEIRO QUADRO

CASA DE AKIN

Guilherme chega na casa de Akin.

GUILHERME: *(bate na porta)* Fala, Akin!

AKIN: Oi, Guilherme, entra aí. Quer um café, um copo d'água?

GUILHERME: Não precisa, não. Estou meio apressado, cê sabe.

AKIN: Tá certo. Então é o seguinte: você sabe que o Fernando não quer parar de fabricar as lemanjás brancas e elas meio que encalharam, e a Janaína me convenceu a fabricar as lemanjás pretas pra não perdermos o emprego. E mais uma coisa: as outras imagens dos outros santos estão com as vendas fracas.

GUILHERME: *(arregala os olhos)* Peraí! Quer dizer que o Fernando não sabe disso? Que história maluca que vocês

armaram?!!! Vocês não vão só perder o emprego, vão ser presos também!

AKIN: Meu acordo com a Janaína é que será ela que vai levar a culpa caso Fernando descubra.

GUILHERME: Mas, mesmo assim, você não vai se livrar dessa. Você é um dos chefes de fabricação. Conhece tudo.

AKIN: *(meio pensativo)* Eu sei... Mas o que eu tô querendo saber é se você pode nos ajudar nessa.

GUILHERME: Esquece! Esquece.

AKIN: *(confuso com a resposta)* Você vai guardar segredo?

GUILHERME: *(seco)* Seguinte, eu nem estive aqui.

Guilherme vai embora. Akin fica atordoado com a resposta de Guilherme.

Guilherme, já na igreja do pastor Creontes, mais conhecido como Dodô, fica pensando durante a pregação, tentando encontrar solução para o problema que não é dele.

GUILHERME: *(em seus pensamentos)* E se eu falasse com a mãe de Fernando? É uma mulher sábia, não questionou minha decisão quando eu resolvi me retirar do terreiro. Talvez ela possa me aconselhar...

TERREIRO DE MÃE GIRASSOL

Guilherme entra com todo o respeito, mas não faz toda a cerimônia e cumprimentos que fazia quando era filho do terreiro. Cumprimenta os filhos de santo e pede para falar com a mãe de Fernando, dona Girassol.

GUILHERME: Boa tarde, dona Girassol.

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Boa tarde, meu filho. Tá tudo bem contigo?

GUILHERME: Tá, sim, senhora. É que eu precisava tirar umas dúvidas, quero dizer, se a senhora pode me aconselhar numa questão que envolve seu filho.

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Mas o que aconteceu com Fernando? Aliás, tem um tempo que ele não vem me visitar. Só liga e não diz nada com nada.

GUILHERME: A senhora tá sabendo da história de Iemanjá? De que ela apareceu no sonho de seu Gilberto e pediu que ele a fabricasse preta, senão ele iria sofrer as consequências? E que essa história se espalhou para os outros fabricantes?

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Sei, sim. Minha última conversa com Fernando, quando ele esteve aqui, foi sobre isso, mas você conhece Fernando.

GUILHERME: Eu sei, dona Girassol. E por isso mesmo que estou aqui pra lhe pedir ajuda. Um amigo veio me procurar dizendo que fez uma burrada na fábrica de seu filho.

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Como?! Me explique direito.

GUILHERME: Esse meu amigo se juntou com uma outra amiga para produzirem lemanjá preta, sem que Fernando soubesse. Só que ele já está desconfiado e fazendo perguntas aos vendedores e cercando os funcionários, e a senhora já sabe que tá perto do dia da santa... orixá.

Mãe de santo Girassol, incrédula no que está ouvindo.

GUILHERME: Mas ele me disse que aceitou, pois estava com medo de perder o emprego.

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Me diz quem são, agora!

GUILHERME: Mas...

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Agora!

GUILHERME: *(num supetão)* Janaína e Akin!

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Janaína sempre surpreendendo! Largou o meu filho, trabalha com ele e agora fazendo barbeiragem. Nem sei o que dizer.

GUILHERME: Mas a senhora entende a razão de eles terem feito isso, dona Girassol?

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Sei. Mas não era para terem feito essa burrada. Se o Fernando descobrir...

GUILHERME: Eu não sei o que a senhora vai fazer com essa informação, mas só sei que eu sou inocente.

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Vou pensar em uma solução. Obrigada, meu filho.

Guilherme se despede e, por força do hábito, beija a mão de mãe Girassol.

TERCEIRO ATO

FÁBRICA DE FERNANDO

Primeiro de fevereiro, um dia antes da celebração de Iemanjá.

FERNANDO: *(nervoso)* Janaína, me diz a verdade, eu quero saber a verdade!

JANAÍNA: Cê me desculpa, Fernando, mas eu menti pra você.

FERNANDO: De novo.

JANAÍNA: Mas quando que eu menti pra você?!

FERNANDO: Me diz se você, quando me deixou, não ficou com o Akin, ou melhor, você já estava com Akin quando a gente ainda namorava.

JANAÍNA: Parou, parou por aí! Eu não vou voltar pro passado, eu estou no presente! E já cansei! Olha só, Fernando, eu menti. Eu pedi pro Akin que fabricasse a lemanjá preta porque eu não queria perder o emprego. A culpa é minha!

FERNANDO: Eu sabia que tinha uma coisa errada, mas eu não sabia que era tão grave assim! Eu não disse a você que tinha que ser a lemanjá branca, não disse?!

JANAÍNA: Sim, mas estávamos perdendo muito dinheiro. Até as outras imagens estavam vendendo pouco.

FERNANDO: Sai daqui, Janaína! Todo mundo sabia dessa falcatura, só o dono da fábrica que foi o grande otário! Sai daqui!

Consternado, Fernando decide ir até a delegacia. Conta toda a história de que foi ludibriado em sua própria fábrica. Delegado manda uma patrulha com mandado até a casa de Janaína, a intimando a comparecer na delegacia. Janaína vai com medo, olha pra mãe e diz para a mãe ligar pro Akin.

NA DELEGACIA

Quando Janaína chega, ela vê pelo vidro Fernando falando ainda com o delegado.

DELEGADO: Seu Fernando, essa história que o senhor nos contou parece ser meio absurda, ainda mais que é dentro de sua fábrica.

FERNANDO: Sim, mas aconteceu e eu fui o enganado da história.

Delegado manda chamar Janaína.

DELEGADO: Dona Janaína, o que a senhora me diz sobre esse assunto? A senhora sabe que pode ficar presa durante um bom tempo, não sabe?

JANAÍNA: Sei, sim, seu delegado. Eu só estava com medo de não ter emprego. O senhor não soube do seu Gilberto, que teve um sonho com a Iemanjá?

DELEGADO: Sim, eu soube. Mas isso não lhe dá o direito de fazer algo que não lhe compete. A senhora é uma simples funcionária. Jamais poderia fazer uma fraude dessas.

JANAÍNA: Eu sei que foi uma fraude, mas, quando começamos a fabricar as Iemanjás pretas, as vendas cresceram muito.

DELEGADO: E o dinheiro? Como a senhora escondeu o lucro

sobre essas imagens, já que seu Fernando disse que os relatórios, os quais a senhora entregava, diziam que as vendas tinham caído muito?

JANAÍNA: Eu coloquei o dinheiro em outra conta.

DELEGADO: Nossa! É um crime atrás de outro. Quem estava contigo nessa farsa?

JANAÍNA: Ninguém.

DELEGADO: Impossível! Você mandou fabricar lemanjás pretas!

JANAÍNA: Correto. Mas eu dei ordens sem que o Fernando soubesse. Eu falava uma coisa para ele e outra para os funcionários.

Enquanto isso, a mãe de Janaína, Luz Carmem, liga pra Akin pra dizer o ocorrido com Janaína.

TERREIRO DE MÃE GIRASSOL

LUZ CARMEM: Ôh, Girassol! Preciso de sua ajuda. Janaína está na delegacia por ter enganado Fernando dentro de sua própria fábrica.

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Eu já sabia, Luz Carmem. O que sua filha fez foi uma loucura!

LUZ CARMEM: Eu sei. Você vai poder ajudar ou não?

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Vou. Deixa que eu me resolvo com Fernando.

FÁBRICA DE FERNANDO

Mãe de santo Girassol vai à fábrica de seu filho e aguarda ele chegar.

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Fernando, precisamos conversar. Você vai tirar a queixa contra a Janaína.

FERNANDO: Não.

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Vai, sim, porque eu estou mandando. Os orixás ouviram minhas preces. Melhor, a nossa mãe nos deu o sinal, você que não quis respeitar.

FERNANDO: Eu já disse não. Janaína vai ter que pagar. O que ela fez foi muito grave.

MÃE DE SANTO GIRASSOL: O que ela fez foi errado, mas foi a coisa mais certa que ela fez. E escute aqui: essa fábrica é minha! Você sabe disso. Eu simplesmente deixei você tocar a bola.

Silêncio sepulcral de Fernando diante da situação.

FERNANDO: Você está me obrigando!? Eu não acredito nisso. Nós tínhamos um acordo. Você sabe muito bem.

MÃE DE SANTO GIRASSOL: Sim, mas estou revendo todos os

nossos acordos, inclusive sobre lemanjá branca, que na verdade é preta, PRETÍSSIMA! Eu nunca lhe obriguei a seguir a minha religião, sempre te dei liberdade, mas agora eu quero que você retire a queixa contra Janaína.

FERNANDO: Mas assim eu perco minha autoridade.

MÃE DONA GIRASSOL: Escuta. Retire a queixa, demita Janaína e fabrique apenas lemanjá preta. Amanhã é dia dela e eu preciso me concentrar, com todas as energias, para o bem e para a beleza que é a nossa rainha, mesmo você não acreditando.

FERNANDO: A senhora quem manda. Porque, pelo visto, eu sou apenas o capitão do mato, não é isso, mãe? Aquele que quer agradar os brancos.

MÃE DONA GIRASSOL: Você que está dizendo isso, porque eu não criei um capitão do mato. Fala pra mim: foi na escola que te encheram de minhocas? Pode falar!

FERNANDO: Já passou! O “bullying” que vivi... Agora é “bullying” que fala, né? Já passou. Agora eu tenho a minha verdade, eu gosto dela, que é crer na Nossa Senhora branquinha. E desculpa te decepcionar de não ser o filho dos seus sonhos, mas eu cansei dessa luta.

MÃE DONA GIRASSOL: Mas que luta você está falando?

FERNANDO: Essa luta do racismo, que não termina nunca! Eu

prefiro fingir que as pessoas gostam de mim, eu prefiro fingir que eles gostam de preto! Eu juro que tentei, minha mãe, mas é bordoadada atrás de bordoadada. E fique aqui dito: eu sei que a fábrica é da senhora e que a senhora está me obrigando a tirar a queixa contra Janaína e me fazer continuar a fabricar a imagem de Iemanjá preta, mas fique sabendo que isso não será para sempre.

MÃE DONA GIRASSOL: Isso é uma ameaça?

FERNANDO: Não, minha mãe. A única coisa que sei é que ninguém dura para sempre.*(Fernando sai de cena.)*

Mãe engole seco e fala em voz alta, em direção à plateia.

MÃE DONA GIRASSOL: Eu não sei o que aconteceu com esse menino! Ele tomou repulsa pela nossa história. Temos que ficar atentos e tomar cuidado, porque brankins continuam trabalhando para que a gente se odeie, para rejeitarmos o nosso sagrado e irmos ao encontro dessa história de Jesus Cristo branco, o único e salvador, com essa igreja que continua nos sacrificando e ninguém vê. *(Mãe Girassol bate no peito e diz:)* É nosso sagrado! É nosso sagrado! É nosso sagrado! Salve o nosso povo PRETO!!!

DIA DA FESTA DE IEMANJÁ

Janaína já liberada; Akin vai à sua procura.

AKIN: Tudo bem? Você disse alguma coisa pro Fernando, de que eu estava envolvido?

JANAÍNA: Não.

AKIN: Ele te demitiu, não foi?

JANAÍNA: Sim. Foi melhor do que ser presa.

AKIN: Vai fazer o quê?

JANAÍNA: Eu? Eu vou pro cortejo de lemanjá, minha rainha, minha mãe!

A mãe de Fernando vai liderando a caminhada com a imagem de lemanjá preta em direção à praia. Alguns funcionários estão no cortejo, outros ficam na calçada assistindo.

Muitos devotos estão com a imagem de lemanjá preta, poucos surgem com a imagem antiga. Uma luz arrebatadora causa em todos uma paz indescritível. lemanjá vê aquilo tudo e sorri.

FECHAMENTO

Mãe termina de ler o texto e pergunta para a filha: Existe mesmo lemanjá preta? (Mesmo local da abertura.)

FIM

LU VARELLO

É atriz, cantora, dramaturga. Graduanda do curso de Bacharelado em Atuação Cênica pela UNIRIO; formada em Desenho Industrial - Produto, pela antiga UNIVERCIDADE. Possui texto publicado no livro coletivo - Sobre Nossas Avós: memória, resistência e ancestralidade, Editora Pontes, organizado por Maria Aparecida Ribeiro; escreve poesias e contos. Foi uma das roteiristas e designer do documentário "Na Rua" - Curso de extensão em Cinema PUC-RJ; hoje cursa cinema no Encontrarte Audiovisual.





**NOVAS VOZES
EM UM CENÁRIO
DE CONSTANTE
DISPUTA**



por

MIGUEL ARCANJO PRADO

COORDENADOR DE EXTENSÃO CULTURAL
E PROJETOS ESPECIAIS DA SP ESCOLA
DE TEATRO

Durante muito tempo na história deste país chamado Brasil, alguns privilegiados tiveram a primazia de contar histórias, de criar narrativas que determinaram os espaços possíveis àqueles vistos como os “outros”.

Mas, ainda bem, as coisas mudam, mesmo que de forma demorada. Assim, esses “outros”, cujas histórias sempre foram vilipendiadas por visões colonizadoras de quem buscou dizimar povos e culturas, pouco tiveram a possibilidade de registrar seu ponto de vista na chamada história oficial. Entretanto, jamais permitiram que suas histórias deixassem de existir.

Dentro do campo teatral não foi diferente. Muitas vezes, mesmo que de forma inconsciente, os palcos foram ferramentas de manutenção de certos poderes, com perspectivas que reduziram aqueles não vistos como semelhantes. Os palcos repetiram por muito tempo o endeusamento de uns em detrimento de “outros”, silenciados e não-representados.

Todavia, sempre houve – e sempre haverá – resistência. Em alguns momentos históricos, ela é silenciosa; noutros, quando mais propícios à liberdade de expressão, mais confrontatória e incisiva.

É preciso reiterar: o povo negro sempre resistiu. Tanto na vida, quanto no campo artístico. E conseguiu, com sua malemolência da sobrevivência cotidiana, impor sua teatralidade e sua estética, com fortes origens africanas, não só à vida do País como também a seus palcos.

O Prêmio Solano Trindade é fruto dessa resistência de gerações de negras e negros. Foi isso que tornou possível a publicação de novos autores negros, oriundo das escolas de artes cênicas do País, lugar duramente conquistado por esta parcela da população. Esta bela e já histórica ação é capitaneada pela SP Escola de Teatro, dirigida por Ivam Cabral e ligada à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, sob gestão de Marília Marton; ambos gestores culturais atentos às mudanças necessárias em prol de um Brasil mais justo.

Assim, vimos neste livro novas possibilidades de narrativas e de representatividades. *Cantata Descontínua das Águas Pluviais*, de Daiany Pontes, apresenta uma delicada construção poética sobre as duras condições das mães negras, com cotidianos freados pelas águas turvas da vida. *Tá Faltando Iemanjá!*, de Lu Varello, expõe as forças racistas do mercado capitalista, que opera inclusive na religiosidade afro-brasileira, embranquecendo seus símbolos e divindades. *Diário Negro*, de Apollo Faria, é um thriller eletrizante e de refinado suspense narrativo sobre uma bem orquestrada e delirante vingança movida pelo racismo cotidiano sofrido.

Como gestor, jornalista e crítico cultural atuante na cena teatral, foi um privilégio ler todos os textos inscritos. Pude conhecer, de forma antecipada e junto aos meus dedicados colegas de júri Denilson Tourinho e Viviane Pistache, dois companheiros de uma geração que movimenta mundos, um panorama precioso da jovem produção dramática negra brasileira.

Quem conta histórias tem o poder de criar novos mundos possíveis. Neste livro, vemos autores negros deste nosso tempo, com propostas estéticas valiosas, implodindo velhas e viciadas estruturas, desconstruindo estereótipos e propondo novas vozes a um cenário em constante disputa: o palco. Solano Trindade, que fez história com sua poesia dilacerante e tão necessária a toda essa mudança, deve estar feliz à beça, onde quer que esteja.





Passado mais de um século desde o nascimento de Francisco Solano Trindade, a potência de sua existência segue presente, pulsante e inspiradora. Essa força pode ser vislumbrada por meio do Prêmio Solano Trindade, ano 2022, com as três obras dramatúrgicas contempladas para constituírem esta publicação, pois aqui a escrita e o engajamento do pernambucano Trindade figuram-se nas palavras de Daiany Pontes (GO) com “Cantata Descontínua das Águas Pluviais”; Apollo Faria (SP) com “Diário Negro”; e Lu Varello (RJ) com “Tá Faltando Iemanjá!”. Esta edição provém do terceiro edital do Prêmio Solano Trindade de dramaturgia para jovens autoras/es negras/os, cujo processo reuniu textos dramatúrgicos de variados estilos, tempos e lugares, resultando na seleção das preditas escritas que podemos especular como traços das palavras de Solano no cenário contemporâneo das artes e culturas. Essas palavras são para ler, espalhar, germinar!

DENILSON TOURINHO

Ator e doutorando em Educação pela UFMG
Jurado do Prêmio Solano Trindade 2022



O Prêmio Solano Trindade é fruto da resistência de gerações de negras e negros. Foi isso que tornou possível a publicação de novos autores negros, oriundo das escolas de artes cênicas do País, lugar duramente conquistado por esta parcela da população. Esta bela e já histórica ação é capitaneada pela SP Escola de Teatro, dirigida por Ivam Cabral e ligada à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, sob gestão de Marília Marton; ambos gestores culturais atentos às mudanças necessárias em prol de um Brasil mais justo.

Assim, vimos neste livro novas possibilidades de narrativas e de representatividades. Cantata Descontínua das Águas Pluviais, de Daiany Pontes, apresenta uma delicada construção poética sobre as duras condições das mães negras, com cotidianos freados pelas águas turvas da vida. Tá Faltando Iemanjá!, de Lu Varello, expõe as forças racistas do mercado capitalista, que opera inclusive na religiosidade afro-brasileira, embranquecendo seus símbolos e divindades. Diário Negro, de Apollo Faria, é um thriller eletrizante e de refinado suspense narrativo sobre uma bem orquestrada e delirante vingança movida pelo racismo cotidiano sofrido.

Como gestor, jornalista e crítico cultural atuante na cena teatral, foi um privilégio ler todos os textos inscritos. Pude conhecer, de forma antecipada e junto aos meus dedicados colegas de júri Denilson Tourinho e Viviane Pistache, dois companheiros de uma geração que movimenta mundos, um panorama precioso da jovem produção dramatúrgica negra brasileira.

Quem conta histórias tem o poder de criar novos mundos possíveis. Neste livro, vemos autores negros deste nosso tempo, com propostas estéticas valiosas, implodindo velhas e viciadas estruturas, desconstruindo estereótipos e propondo novas vozes a um cenário em constante disputa: o palco. Solano Trindade, que fez história com sua poesia dilacerante e tão necessária a toda essa mudança, deve estar feliz à beça, onde quer que esteja.

MIGUEL ARCANJO PRADO

Coordenador de Extensão Cultural e Projetos Especiais da SP Escola de Teatro



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

SÃO PAULO SÃO TODOS

Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas